

Arrumando a casa

Hospital Universitário Walter Cantídio e Maternidade Escola Assis Chateaubriand passam por mudanças administrativas, com a implantação do Complexo Hospitalar

Alimentação

Estudiosos discutem o preço de uma alimentação saudável

Inclusão

Universidade desenvolve plano de políticas de inclusão

SE VOCÊ NÃO TOMAR CUIDADO, O MOSQUITO DA DENGUE INVADE A SUA CASA.



Evite a água parada: vede sempre as caixas d'água, os tanques e tambores, cubra os pneus e desobstrua as calhas, vede os potes e as garrafas, não jogue o lixo na rua nem em terrenos baldios. Com ações simples como estas, você cuida bem da sua família e ainda ajuda Fortaleza a ficar livre da Dengue.



Fala Fortaleza: 0800 285 0880
www.fortaleza.ce.gov.br



SLA/rdxp

Viajar no verão É DO BRASIL

O banco que está em todo o País para
você sair de férias tranquilo, também.

Todo
seu



Maria Elisa, campeã do Circuito
Banco do Brasil Vôlei de Praia 2009.

No verão, você tem Mais Banco do Brasil

- no celular
- na internet
- nos caixas eletrônicos
- em mercados, farmácias e demais estabelecimentos conveniados

O verão é do Brasil.
É todo seu.

MARIA ELISA É DO BRASIL

Central de Atendimento BB 4004 0001 ou 0800 729 0001 – SAC 0800 729 0722 – Ouvidoria BB 0800 729 5678 – Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0088 – ou acesse bb.com.br

UNIVERSIDADE
pública

Revista de valorização e promoção da
produção científica, tecnológica e cultural
da UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

Reitor
Prof. Jesualdo Pereira Farias
Vice-Reitor
Henry Campos

Reitoria
Av. da Universidade, 2853
60020-181 - Fortaleza - CE
Fone: (85) 3366.7311
Internet: www.ufc.br
E-mail: reitor@ufc.br

Coord. de Comunicação Social
e Marketing Institucional
Paulo Mamede
Fone: (85) 3366.7319

Assessor de Comunicação
Institucional
Italo Gurgel
Fone/Fax: (85) 3366.7330
E-mail: ufcinforma@ufc.br

Revista Universidade Pública
Av. da Universidade, 2910
Benfica - Fortaleza - Ceará
CEP: 60020-181
Fone/Fax: (85) 3366.7319
revistaufc@gmail.com

Editora
Ana Rita Fonteles
CE01169JP
Editora Interina
Cristiane Pimentel
CE01863JP
Reportagens
Ana Rita Fonteles
CE01169JP
Gustavo Colares
CE 01861JP
Simone Faustino
CE 02133JP
Cristiane Pimentel
CE 01863JP
Hébely Rebouças
CE 2180JP

Fotos
Júnior Panela
CE00100RF
Estagiários de Fotografia da UP
Chico Célio
Davi Pinheiro
Direção de Arte
Diego Normandi
Revisão
Sílvia Marta Oliveira Costa
Estagiária de Publicidade
Rayana Vasconcelos
Tiragem
5.000 exemplares
Periodicidade
Bimestral
CTP e impressão
Expressão Gráfica



NOSSA CAPA

Arrumando a casa
Montagem com
maquetes digitais de
Diogo Ribeiro.

Mais saúde para a saúde

Carência. Essa palavra, há pouco, significava a conjuntura administrati-vo-financeira dos 46 hospitais universitários brasileiros. Composição física inadequada, atraso em equipamentos, deficiência de pessoal, dívidas com fornecedores e o mais pungente, carência de recursos governamentais, eram apenas algumas das questões que afetavam essas estruturas. Todavia, contrapondo às barreiras, o alto nível de recursos humanos desses locais sempre os fez destaque na formação de profissionais da área de saúde e no desenvolvimento científico. Inseridos nessa realidade estavam o Hospital Universitário Walter Cantídio (destaque nacional em transplan-tes, mas com um débito de R\$ 12 milhões ameaçando seu funcionamen-to) e a Maternidade Escola Assis Chateaubriand, da UFC.

Entretanto, duas iniciativas, uma do Governo Federal e outra da UFC, vêm prometendo riscar de vez esse vocábulo da rotina do HUWC, substituindo pelo termo "eficiência". A primeira das ações trata-se do Programa Nacional de Reestruturação dos Hospitais Universitários Federais – REHUF, do Ministério da Educação, que teve seu decreto de implantação assinado, no último dia 27, pelo Presidente Lula. O REHUF propõe uma revitalização dos hospitais das universidades federais, integrados ao Sistema Único de Saúde (SUS). Como pontapé de atividades do Programa, foi estipulada a tomada de um empréstimo de R\$ 756 milhões no Banco Mundial (Bird). O valor, distribuído entre os hospitais de acordo com o seu porte e produ-ção, será destinado a infraestrutura, manutenção e recursos humanos.

A segunda medida dos empreendimentos que assinalam novo impulso para o HUWC é a implantação do Complexo Hospitalar da UFC, que teve empossado, no dia 6 de janeiro, o seu superintendente, o cirurgião Flo-rentino Cardoso. A meta do projeto é unir administrativamente o Hospital Universitário Walter Cantídio, a Maternidade Escola Assis Chateaubriand e, em breve, o Instituto de Ciências Médicas Paulo Marcelo Martins Rodri-gues, atualmente em fase de conclusão de obras. Estudado desde 2008, fruto de uma parceria da Universidade com a Fundação Getúlio Vargas, o Complexo objetiva equilíbrio na gestão desses hospitais.

Na matéria de capa, você acompanha a discussão sobre o impacto e as transformações resultantes da implantação dessas ações no Hospital Universitário e na Maternidade Escola da UFC, além de ver como seus diretores se posicionam face às notícias promissoras. Outro debate pre-sente na edição nº 53 da UP é acerca de uma conquista das pessoas com deficiência: o primeiro plano de políticas institucionais da Universidade voltadas para a inclusão e que entra em vigor este ano.

Veja ainda a história de estudantes de escolas públicas que venceram o desafio do vestibular com a ajuda dos cursinhos pré-vestibulares da UFC e descubra, nas páginas 28 a 30, qual o preço de uma alimentação saudável.

Um abraço e boa Leitura!

Cristiane Pimentel
EDITORA INTERINA UP

Nota!

As fotos da matéria "BODAS DE AMOR À MÚSICA" (UP Edição 52) são de autoria de Pedro Humberto.



15 CAPA

Complexo Hospitalar da UFC

Implantação do Complexo Hospitalar da UFC aliado a projeto de reestruturação do Governo Federal prometem novo impulso ao Hospital Universitário Walter Cantídio e à Maternidade Escola Assis Chateaubriand

7 ENTREVISTA ANTÔNIO MAGALHÃES

Referência nas pesquisas sobre semi-árido, Antônio Magalhães discute a importância da atenção a esse bioma nas mudanças climáticas



23



ELES CONSEGUIRAM

Cursinhos pré-vestibular da UFC realizam o sonho de alunos da escola pública de ingressar na Universidade.

26



O PREÇO DE COMER BEM

O que sai mais barato: uma dieta fast-food ou com alimentos *light/diet*? UP traz a resposta

31



COMO ESTRANHOS NO NINHO

Universidade desenvolve plano de políticas públicas voltadas para a inclusão de pessoas com deficiência

34



FLORESCENDO OPORTUNIDADES

Departamento de Fitotecnia passa a ofertar disciplina de Floricultura, setor que movimentará mais de R\$ 4 milhões no Estado

ENTREVISTA

por Ana Rita Fonteles

Semiárido sustentável

Em agosto deste ano, Fortaleza vai sediar a II Conferência Internacional Sobre Clima, Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável em Regiões Semiáridas (ICID). O evento quer reunir novamente, na capital, especialistas de todo o mundo para atualizar conhecimentos sobre o semiárido, focando em ações que resolvam ou minimizem os problemas enfrentados por essas regiões em todo o mundo. A ICID 2010 também pretende fornecer subsídios para apoio à Rio +20, a ser provavelmente realizada em 2012, no Rio de Janeiro.

“É razoável dizer que a I ICID contribuiu para aumentar o nível de conscientização sobre os problemas ambientais do semiárido e que isso se refletiu em melhorias institucionais, especialmente na área ambiental”. A avaliação é de Antônio Rocha Magalhães, Diretor da II ICID e um dos maiores especialistas no Brasil quando o assunto é semiárido. Nascido em Canindé, ele é doutor em Economia pela USP, ex-secretário de Planejamento do Estado e ex-secretário executivo do Ministério do Planejamento, ocupando hoje as funções de consultor do Centro de Gestão e de Estudos Estratégicos e membro do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas.

Magalhães acredita que, apesar das limitações, é possível estabelecer formas sustentáveis de conviver com o semiárido e que a ICID é momento para conhecer experiências exitosas em diferentes lugares do mundo. Segundo ele, apesar das transformações sofridas pelo semiárido brasileiro, como crescimento da economia e melhoramentos dos índices sociais, problemas como desigualdade social, degradação ambiental e pobreza persistem e precisam ser enfrentados.

O pesquisador chama atenção para um dos objetivos da ICID, a necessidade de se difundir entre os brasileiros a preocupação com o semiárido, a exemplo do que acontece com o bioma amazônico aqui e no exterior. “Os problemas do semiárido são percebidos erroneamente como problemas locais, que interessam às pessoas que aí vivem. Isso é errado, porque os problemas do semiárido afetam a nação inteira, tanto no sentido positivo como no negativo. O Brasil não será um país do primeiro mundo enquanto não resolver o problema de desenvolvimento do semiárido”.



Universidade Pública - Quais as diferenças de contexto histórico e quais as novas questões que diferenciam a primeira e a segunda ICID?

Antônio Rocha Magalhães - A primeira ICID – Conferência Internacional Sobre Variações Climáticas e Desenvolvimento Sustentável em Regiões Semiáridas foi realizada entre 28 de janeiro e 1º de fevereiro de 1992, em preparação para a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio 92, que teve lugar em junho daquele ano. Naquela época, começava a aumentar a preocupação com a questão da sustentabilidade do desenvolvimento, sobretudo após o Relatório Brundtland, das Nações Unidas, que definiu e advogou a ideia da busca do desenvolvimento sustentável. As discussões sobre mudanças climáticas ainda estavam em seu começo, e poucos eram os que acreditavam nessa hipótese. Não havia instituições dedicadas ao tema, e o IPCC – Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, havia sido criado há apenas pouco mais de dois anos. A Rio 92 presenciou a assinatura das Convenções das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas e sobre Diversidade Biológica, além de aprovar a Carta da Terra e a Agenda 21. Também recomendou, com base nos trabalhos da ICID, a negociação de uma nova Convenção sobre Combate à Desertificação, que ficou pronta dois anos depois. Houve, depois da Rio 92, significativo desenvolvimento institucional, com o funcionamento das três novas Convenções Ambientais, que ficaram conhecidas como as Convenções do Rio. O IPCC produziu os seus relatórios e o problema das mudanças climáticas tornou-se mais evidente. O último relatório do IPCC, o AR4, divulgado em 2007, não deixa dúvidas sobre o fato de que as mudanças climáticas já estão em andamento e afetam todas as nações do planeta e, de modo especial, as regiões semiáridas, como o Nordeste brasileiro. Na última Conferência das Partes da

Convenção de Mudanças Climáticas, em dezembro, em Copenhague, foram feitos esforços gigantescos, embora parcialmente frustrados, para reduzir emissões de gases de efeito estufa para um nível capaz de limitar o aquecimento global a 2 graus centígrados. Mesmo que essa meta seja alcançada, o que é difícil, os impactos das mudanças climáticas nas regiões secas serão significativos. Agora, as Nações Unidas vêm anunciar a Rio + 20, que provavelmente será realizada no Rio de Janeiro, em 2012. A Segunda ICID – Conferência Internacional sobre Clima, Sustentabilidade e Desenvolvimento em Regiões Semi-áridas será uma contribuição brasileira para a agenda da Rio + 20, no que tange à problemática das regiões secas do planeta, incluindo as regiões áridas e semi-áridas. Temos, portanto, de um lado, importante evolução institucional. De outro lado, as condições nas regiões semi-áridas da África, da Ásia, da América Latina e, em particular, do Nordeste do Brasil, continuam inaceitáveis. Os problemas de pobreza, degradação ambiental e desertificação ainda não foram resolvidos.

UP - Quais os principais impactos no gerenciamento e manejo do semiárido no Brasil a partir das resoluções da IICID e Rio+10?

ARM - A Primeira ICID trouxe alguns resultados interessantes para o semiárido brasileiro. Ela contribuiu para elevar o nível de conhecimento e de preocupação sobre a questão do semiárido. Ela gerou a base técnica para a criação da Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação, a UNCCD, que aqui no Brasil resultou no Plano de Ação para Combate à Desertificação (PAN Brasil) e agora nos Planos de Ação Estaduais de Combate à Desertificação (PAEs). Dela resultou também o Projeto Áridas, que desenvolveu uma metodologia para o planejamento do desenvolvimento sustentável e influenciou diretamente no planejamento de vários estados. Um exemplo é o caso do Ceará, com o Pla-



no Estadual de Desenvolvimento Sustentável, de 1995. O Projeto Áridas também contribuiu com mais de 50 estudos específicos sobre o semiárido, na perspectiva de orientar propostas de desenvolvimento sustentável para a região Nordeste.

UP - Os governos estaduais incorporaram as recomendações em sua política efetivamente?

ARM - Em primeiro lugar, os governos estaduais também se beneficiaram do aumento de conhecimento e de maior conscientização sobre os problemas da falta de sustentabilidade. É razoável dizer que a ICID contribuiu para aumentar o nível de conscientização sobre os problemas ambientais do semiárido e que isso se refletiu em melhorias institucionais, especialmente na área ambiental. Concretamente, seis estados adotaram estratégias de desenvolvimento

"As mudanças climáticas representam uma ameaça adicional às condições já precárias (...) Devemos reconhecer que, apesar dos esforços e de progressos feitos, ainda não conseguimos a convivência com o clima atual"

sustentável que resultaram diretamente do Projeto Áridas, que por sua vez resultou da ICID. A metodologia do Projeto Áridas foi também adaptada para a região amazônica e

aplicada no estado de Rondônia, com o Projeto Úmidas, patrocinado pelo Banco Mundial em 1997. O caminho percorrido, no entanto, ainda não foi suficiente. É mais fácil fazer planos de desenvolvimento sustentável do que implementar o desenvolvimento sustentável, administrando os conflitos existentes entre os interesses de desenvolvimento no curto prazo e a necessidade de manter a qualidade dos recursos naturais para que sua produtividade não diminua ao longo do tempo. Esse continua sendo um grande desafio, que esperamos debater na Segunda ICID.

UP - Qual a situação do semiárido brasileiro hoje?

ARM - O semiárido brasileiro passou por grandes transformações nas últimas décadas. Aumentou a população e, portanto, também as pressões sobre os recursos naturais. Acelerou-se o processo de urbanização, com o esvaziamento do campo. Há cinquenta anos, as fazendas eram habitadas, os donos moravam aí. Hoje, as casas de fazenda estão desabitadas. As relações sociais passaram por processo significativo de transformação, com o desaparecimento da figura do morador, o enfraquecimento das relações entre o dono da terra e os trabalhadores, o fortalecimento do associativismo, a partir das comunidades eclesiais de base e dos sindicatos de trabalhadores rurais. A agricultura passou também por processo drástico de reestruturação, sobretudo a partir do desaparecimento da cultura do algodão em modo tradicional. Como se sabe, a agricultura de sequeiro era baseada no tripé pecuária-algodão-subsistência, com as relações de parceria na produção. O tripé ruiu quando o bicudo e o mercado derrotaram a cultura do algodão. Até hoje não se identificou um sistema produtivo que substituisse o tripé tradicional. Agora se buscam soluções locais, que diferem em cada caso. Nesse período, a agricultura perdeu importância. De uma contribuição de 30% ou mais para o PIB

regional, ela caiu para cerca de 7%. Mas 30% dos trabalhadores rurais continuam dependendo dessa atividade agrícola, daí a permanência da pobreza no semiárido. Durante esse período, cresceu o componente da agricultura de mercado, baseada na irrigação e na agroindústria, com casos de sucesso como o pólo de Petrolina e Juazeiro. As cidades cresceram, e a maioria delas depende de transferências de recursos oriundos do Fundo de Participação dos Municípios, da Aposentadoria Rural e dos programas de transferência de renda como o Bolsa Família. Melhoraram a infraestrutura de transportes e a de comunicações, melhoraram os indicadores de educação e de saúde, as pessoas passaram a ter mais acesso às informações e a terem mais liberdade de locomoção. Avançou a política de recursos hídricos, com progressos reconhecidos na acumulação e no gerenciamento da água em vários estados. Em alguns estados, a indústria começou a penetrar o interior semiárido, como é o caso do Ceará. O aumento da população e das atividades humanas tem se refletido em aumento da degradação dos recursos naturais, com processos de desertificação em andamento em várias áreas. Enfim, o semiárido tem passado por grandes transformações. A economia cresceu, os indicadores sociais melhoraram, mas permanecem os problemas sociais, a degradação ambiental e a pobreza.

UP - Quais as possibilidades reais de convivência sustentável com o semiárido do Nordeste brasileiro?

ARM - Esta pergunta me leva a pensar nos limites do semiárido para o desenvolvimento. Uma característica do semiárido é que ele tem limitações de água e de solos. Trata-se de uma região marginal no sentido geográfico, uma região que se situa na margem e que, portanto, vive em equilíbrio precário. Uma perturbação que, digamos, afetaria pouco uma região não-marginal pode ter grandes repercussões no semiárido. É o caso

das variações de precipitação pluviométrica, que causam as secas periódicas com seus conhecidos impactos. A agricultura de sequeiro tem limitações conhecidas. Há possibilidades de melhora, e isso vem ocorrendo com a introdução de variedades mais resistentes, com sistemas de produção apropriados, com as sementes melhoradas, com o trabalho da Embrapa e de outras instituições de pesquisa, das universidades e dos governos estaduais. Mas o fato é que há limites, e esses limites não são altos. A agricultura depende de solo e de umidade, e esses dois fatores – solo e água – são limitados. Há espaço para melhorar, mas não há espaço, por exemplo, para disseminar uma agricultura de alta produtividade em todo o sertão. Isso pode ser feito em manchas irrigáveis, como é o caso de Petrolina e Juazeiro, ou da Chapada do Apodi. Mas as áreas irrigáveis montam a apenas cerca de 3% do espaço semiárido. O resto tem de conviver com as limitações. A convivência com o semiárido, portanto, não pode se basear exclusivamente na agricultura. É preciso diversificar a produção, explorar outras atividades como a indústria, onde ela for possível, o artesanato e o turismo. Sobretudo, é preciso reconhecer que o semiárido é superpovoado e que não tem condição de sustentar essa população com níveis adequados de vida. A ocupação do semiárido hoje não é sustentável, e isso se reflete nos índices de pobreza, de desertificação e de migrações. Pensando em termos de futuro, podemos visualizar um semiárido menos habitado – e para isso é preciso preparar, via educação, a população, para que as pessoas possam tomar suas decisões sobre ficar ou migrar para outros lugares. As mudanças climáticas poderão aumentar ainda mais as limitações ecológicas atuais, na medida em que aumente o déficit hídrico em algumas regiões. Isso poderá ter repercussões significativas nos padrões de ocupação da terra e nas atividades que aí se desenvolverão. Em suma, um semiárido sustentável poderá ser alcançado no futuro,

com grandes transformações sobre o que observamos hoje, em termos de demografia, de economia, de padrões de ocupação, e de relacionamento com o meio ambiente.

UP - Quando falamos de semiárido em âmbito mundial estamos falando de 40% da área continental e um terço da população do planeta. Em que experiências exitosas de outros países, na criação de convivências sustentáveis, poderíamos nos inspirar? Como esses países conseguiram?

ARM - Esse é um dos objetivos da Segunda ICID: tornar possível a troca de experiências e de conhecimentos entre diversos países que contam com regiões secas. Há experiências interessantes de reforestamento em áreas secas na África e na Ásia. Há experiências de participação comunitária, há experiências de irrigação em vários lugares. Aqui mesmo, no Nordeste, há experiências valiosas, como a do gerenciamento dos recursos hídricos no Ceará. Todas essas experiências rendem interessantes lições que podem ser aproveitadas.

"A agenda ambiental internacional, a discussão sobre mitigação de mudanças climáticas, passam pela Amazônia. Já o semiárido não levanta tanto interesse global"

Contudo, não há uma experiência única que possa ser replicada em outros lugares. Cada caso é um caso. Queremos, com a nova ICID, aprender sobre essas experiências e suas lições para tentar sugerir estratégias que possam ajudar cada região a encontrar o seu caminho.

UP - De que forma o aquecimento global está impactando e ainda deverá impactar o semiárido? Quais as principais recomendações do Painel Intercontinental sobre Mudança de

Clima para reverter ou minimizar esses impactos?

ARM - Segundo o Relatório do IPCC, as regiões semiáridas serão as que mais sofrerão com os impactos de mudanças climáticas, inclusive o Nordeste brasileiro. O aumento da temperatura, por si só, leva ao aumento da evapotranspiração e à redução da umidade, mesmo que a precipitação se mantenha constante. Para regiões que já vivem na margem climática, esse tipo de mudança poderá significar, em alguns lugares, a inviabilização da agricultura de sequeiro, da qual dependem milhões de pessoas. As mudanças climáticas representam uma ameaça adicional às condições já precárias que existem nessas regiões. Devemos reconhecer que, apesar dos esforços e de progressos feitos, ainda não conseguimos a convivência com o clima atual. O clima futuro, com as mudanças climáticas, multiplica o desafio da busca de convivência com o semiárido.

UP - O senhor é filho de Canindé, cidade castigada pelas sucessivas es-

tiagens, mas onde a presença de um saber popular atua na convivência com o semiárido. O que pode ser incorporado desse saber nas políticas de estado e o que deve ser descartado?

ARM - O saber local é importante e deve ser levado em consideração. As estratégias para cada lugar devem levar em conta as características específicas que muitas vezes não podem ser apreendidas rapidamente por pessoas que vêm de fora. As estratégias de desenvolvimento devem ser feitas de forma participativa, para que o saber local seja incorporado e valorizado.

UP - O senhor acha que as universidades nordestinas têm desempenhado a contento seu papel de pensar problemas e soluções para a convivência com o semiárido?

ARM - Há muitas experiências e contribuições interessantes de universidades nordestinas para a convivência com o semiárido. Contudo, no conjunto, essas contribuições ainda são pequenas. Há muito espaço para uma

maior contribuição da Universidade para o desenvolvimento da região. Penso que deveria haver um esforço coordenado de cada universidade e de todas as universidades públicas, atuando em rede, com um grande programa envolvendo os corpos docente e discente, para ajudar na busca de soluções para a vida no semiárido. Penso que um programa como esse, com visão e duração de longo prazo, poderia atrair muito apoio de governos e de instituições internacionais.

UP - Parece muito mais fácil as pessoas entenderem os impactos das agressões ao meio ambiente no Brasil quando se fala da Amazônia, por exemplo. Como se pode sensibilizar a sociedade brasileira para o perigo a que estão submetidas também as regiões localizadas no semiárido?

ARM - Talvez isso aconteça porque a Amazônia é percebida como tendo uma importância muito grande para o clima global, afetando todo o globo, e por isso tem atraído enorme interesse internacional. Uma vez encontrei um deputado alemão que me disse que a cada dia o seu filho de 11 anos lhe perguntava o que tinha feito naquele dia para salvar a Amazônia. A agenda ambiental internacional, a discussão sobre mitigação de mudanças climáticas, passam pela Amazônia. Já o semiárido não levanta tanto interesse global, ou mesmo nacional. Os problemas do semiárido são percebidos erroneamente como problemas locais, que interessam às pessoas que aí vivem. Isso é errado, porque os problemas do semiárido afetam a nação inteira, tanto no sentido positivo como no negativo. O Brasil não será um país do primeiro mundo enquanto não resolver o problema de desenvolvimento do semiárido. A ICID faz parte do esforço de conscientização nacional e mundial sobre os problemas das regiões secas, sobre a importância dessas regiões em termos nacionais e globais e sobre a necessidade de buscarem-se saídas sustentáveis para o futuro dessas regiões e das pessoas que nelas habitam. 

O Meio Ambiente agradece

Equipe formada por pesquisadores do Centro de Ciências da UFC produz tecnologia que acelera a regeneração de ambientes degradados por óleos da indústria petroquímica. Em parceria, Padetec e Petrobras registraram a patente

O dia 2 de março de 2008 tinha tudo para ser um domingo como qualquer outro na Praia do Icarai, em Caucaia. O cenário previsto era de sol forte, surfistas fazendo manobras no mar e faixa de areia repleta de famílias relaxando antes de mais uma semana de trabalho. Mas não foi o que aconteceu. Na noite anterior, um rebocador e um navio cargueiro de 140 metros se chocaram no Porto do Mucuripe, em Fortaleza, e até três toneladas de óleo combustível se espalharam por uma extensão superior a quatro quilômetros da Praia do Icarai, que foi considerada imprópria para banho pela Superintendência Estadual do Meio Ambiente (Semace). Quinze dias após o acidente, manchas escuras e um forte odor ainda eram encontrados na praia.

Para reduzir o impacto de acidentes como esse e amenizar consequências de outros desequilíbrios ambientais, causados, em sua maioria, pela indústria petroquímica, um grupo de pesquisadores

do Centro de Ciências da Universidade Federal do Ceará desenvolveu uma nova tecnologia, produzida com microrganismos presos em esferas de quitosana, que permite uma regeneração mais rápida e menos agressiva do ambiente degradado. “É como uma segunda limpeza daquele ambiente, depois de o óleo já ter se infiltrado no solo. Utiliza-se essa tecnologia para acelerar a degradação do óleo e, assim, regenerar de forma mais rápida o ambiente”, explica a professora Vânia Maria Maciel Melo, coordenadora do Laboratório de Ecologia Microbiana e Biotecnologia (Lembiotec). Essa tecnologia, que utiliza microrganismos ou seus produtos metabólicos para a degradação de poluentes, é conhecida como biorremediação.

O produto, desenvolvido em parceria com o Parque de Desenvolvimento Tecnológico (Padetec), é resultado de pesquisa de mestrado, desenvolvida na Universidade Federal de Pernambuco, da bióloga Samantha Pinheiro da Costa, graduada pela UFC e pesquisadora do Lembiotec. Foram coletadas amostras de solo contaminado por óleo hexadecano, um derivado do petróleo. Em laboratório, microrganismos daquele ambiente, no caso bactérias, foram multiplicados e, em seguida, imobilizados em matriz de quitosana. Esse produto originado entrou em contato com o mesmo ambiente

de onde foram retiradas as amostras. Foi verificado, então, que os microrganismos degradaram o óleo do solo contaminado de forma mais rápida, graças ao isolamento permitido pelas grades de quitosana, num processo que, normalmente, demora anos. Somente com um grande número de microrganismos é possível alcançar esse objetivo mais rapidamente.

De acordo com o professor Afrânio Aragão Craveiro, superintendente do Padetec, desde 1999 são desenvolvidas pesquisas com quitosana na UFC. Ele explica que uma das aplicações mais efetivas da quitosana, fibra natural extraída da carapaça de crustáceos, é exatamente a imobilização de microrganismos, por isso o seu uso como uma grade para as bactérias utilizadas durante a pesquisa. A quitosana também tem a capacidade de absorver o óleo com mais facilidade, aperfeiçoando o trabalho dos microrganismos para a renovação mais rápida do ambiente, além de ser biodegradável.

“O produto que imobiliza microrganismos por esferas de quitosana, com essa finalidade, apenas a UFC está fazendo. Os pesquisadores afora tentam introduzir os microrganismos no ambiente, mas sem estarem imobilizados. Esse é o nosso diferencial”, afirma Vânia. Segundo ela, uma empresa como a Petrobras poderia comprar microrganismos que degradam poluentes, mas seriam microrganismos de fora, isolados em outro ambiente. “A gente não deve introduzir, por exemplo, um microrganismo da Serra de Baturité num manguezal, pois são ambientes totalmente diferentes. Esses microrganismos não vão se desenvolver e desempenhar esse papel de degradar de maneira satisfatória”, completa.

O biomaterial produzido pelo grupo de pesquisadores da UFC é uma inovação tecnológica para a área de biotecnologia ambiental nacional, pois poderá ser uma opção aos produtos importados utilizados atualmente. De olho nesse potencial, a pesquisa desenvolvida recebeu o Prêmio Inventor Petrobras 2009, a partir do registro de patente do produto

pelo Padetec e a própria Petrobras. O Prêmio é um incentivo à criatividade e à capacidade de inovação de pesquisadores que contribuem para o registro de patentes. Segundo Afrânio, o potencial da pesquisa foi confirmado pela Petrobras quando a empresa aceitou registrar a patente do produto em parceria com o Padetec, algo inédito.

“Já entramos em contato com um grupo europeu que está interessado nessa tecnologia. Mas, para chegar ao mercado, o produto tem de passar por três escalas: laboratório, piloto e campo, a maior”, explica. Por isso, ainda de acordo com o superintendente do Padetec, a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) já financia a incubação de duas empresas no Padetec para verificar a viabilidade dessa tecnologia e a entrada do produto premiado no mercado. Durante os próximos dois anos, explica, serão testadas as condições reais do produto.

A pesquisa desenvolvida pela equipe do Centro de Ciências da UFC faz parte do projeto cooperativo Biopetro, inserido na Rede Recupetro, que contribui com novas tecnologias e capacita pesquisadores para gerenciar problemas no meio ambiente provocados por atividades de exploração, produção, refino e transporte de petróleo e seus derivados. Com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Finep, através de recursos do Fundo Setorial do Petróleo e Gás Natural (CT-Petro), a Rede Recupetro trabalha em três ambientes: a região de Suape, em Pernambuco, os manguezais da Baía de Todos os Santos, no Recôncavo Baiano, e os manguezais da costa cearense. Na UFC, fazem parte do projeto Biopetro cerca de 20 pesquisadores do Lembiotec e do Padetec, entre estudantes e

professores. Desde 2002, os recursos chegam a cerca de R\$ 4 milhões.

Com os resultados alcançados pela pesquisa, outros produtos similares poderão ser desenvolvidos para imobilizar microrganismos que não apenas degradam derivados de petróleo e limpam ambientes contaminados por óleos da indústria petroquímica, mas que sejam capazes, por exemplo, de limpar rios e lagoas, hoje contaminadas pelo lixo urbano e esgotos de residências e indústrias.

“Se a dona-de-casa vai limpar a caixa de gordura de sua casa, ela usa produtos químicos, ácidos fortes ou até soda cáustica. Todo esse material é poluente e é escoado para o ambiente, mas a dona-de-casa nem sempre percebe, quer se livrar do entupimento de forma rápida. Mas ela poderá fazer toda essa limpeza com microrganismos, sem produtos que agredem a natureza”, explica Vânia. O meio ambiente agradece. ☺



A bióloga Samantha Costa entre os professores Afrânio Craveiro e Vânia Melo: Prêmio Inventor Petrobras para a UFC



Arrumando a casa

Implantação de Complexo Hospitalar da UFC e de Plano de reestruturação elaborado pelo Governo Federal prometem harmonia administrativa no Hospital Universitário Walter Cantídio e na Maternidade Escola Assis Chateaubriand

por Cristiane Pimentel

Como o girar das pás de um moinho sob forte ventania, duas estruturas de saúde ligadas à Universidade Federal do Ceará não param: o Hospital Universitário Walter Cantídio e a Maternidade Escola Assis Chateaubriand. Referência na formação profissional em saúde no Estado, as instituições são destaque ainda em assistência à população— no Hospital são cerca de 230.000 consultas, na Maternidade aproximadamente 6.000 partos por ano. Mesmo enfrentando as fortes intempéries das dificuldades de recursos, pessoal, estrutural e tecnológica, as instituições seguem, há meio século, nos ofícios da assistência, ensino e pesquisa. Mas parece que as nuvens começam a se dissipar e um céu claro promete bons ventos através da implantação do Complexo Hospitalar, que irá unir administrativamente HUWC, MEAC e o atualmente em obras Instituto de Ciências Médicas Paulo Marcelo Martins Rodrigues.

Eficiência na gestão

Otimizar recursos e tornar mais eficaz a gestão do Hospital Universitário e da Maternidade Escola é o cerne da ideia do Complexo Hospitalar. Mantidas as particularidades e observando as características dos serviços de cada estrutura, o objetivo é que as instituições de saúde passem a caminhar de mãos dadas quanto à administração, através da união de serviços e atividades. A orientação foi

definida após um estudo realizado desde 2008, no HUWC e na MEAC, pela Fundação Getúlio Vargas, através do Centro de Estudo de Planejamento e Gestão em Saúde, GV Saúde, em parceria com a UFC. “Uma forma de melhorar a eficiência e racionalizar tarefas quando tem duas unidades é fazer a sua integração. Existia um quadro do Hospital Universitário trabalhando de um lado e a Maternidade de outro, que pouco se conversavam. A ideia de um complexo é fazer com que as duas unidades tenham comando único, diretrizes únicas, e, fundamentalmente, que algumas atividades possam ser realizadas de forma mais racional, como a parte administrativa”, explica Wilson Rezende, consultor da Fundação Getúlio Vargas que integra os trabalhos do Complexo.

Como exemplo dessa convergência de tarefas, um setor, dentre vários, que poderá passar por essa transformação é o das farmácias dos dois hospitais. Uma vez congregadas, elas poderão atuar sob gerenciamento e padronização únicos, contemplando tanto o HUWC quanto a MEAC. As compras também poderão ser feitas em conjunto e, com isso, preços mais acessíveis poderão ser obtidos com a aquisição de volumes maiores de produtos. “São duas unidades próximas fazendo praticamente a mesma coisa, então é razoável que você tenha um corpo fazendo essas mesmas atividades para as duas instituições. A criação do que se chama de complexo parte dessa percepção de que é



possível racionalizar o processo de gestão”, esclarece Rezende.

Pesquisa da situação atual, levantamento das necessidades e avaliação do perfil tanto do HUWC quanto da MEAC foram os primeiros passos dados pela UFC e Fundação Getúlio Vargas, há dois anos, para a efetivação dessa estrutura do Complexo. No último dia 6 de janeiro, o segundo passo foi dado, com a posse do superintendente do Complexo Hospitalar, o cirurgião Florentino Cardoso. Especialista em Gestão, Florentino já chega com o desafio de conduzir duas instituições de saúde em estrutura, pessoal, tecnologia, finanças e, e ainda por cima, com uma dívida em torno de R\$ 12 milhões com fornecedores. Segundo o Superintendente, para superar esses obstáculos, sua primeira iniciativa será tomar conhecimento de todas as questões envolvendo os dois hospitais, a fim de subsidiar as futuras decisões. “Estamos levantando toda a estrutura, tanto física quanto de pessoal, equipamentos e funcionamento do Walter Cantídio e da Maternidade Escola e procurando conhecer com detalhes o projeto do Instituto de Ciências Médicas, que está sendo construído. Fazemos isso para pensar no conjunto e não tomar decisões olhando para uma ou outra instituição, e sim, para o Complexo Hospitalar como um todo, para que não tenhamos serviços repetitivos, as forças se unam e formem o melhor serviço possível”, declara.

Uma proposta de link entre a Reitoria e a sociedade civil no pensar estratégico do complexo hospitalar, a superintendência se constitui ainda como uma figura que, neste momento, vem para tornar sólido o incipiente Complexo, processo esse dependente da quantidade de recursos a serem disponibilizadas pelo Governo Federal. “Quanto mais recurso disponível certamente iremos caminhar mais rápido. Isso depende muito do que vai acontecer em relação ao Governo Federal e aos Ministério da Saúde e da Educação caminhando juntos ao Hospital Universitário e à MEAC. Existe um aceno muito bom para o ano de 2010, que a gente espera que melhore em 2011 e mais ainda em 2012”, expõe. Apesar da indecisão, Florentino avalia os ventos como favoráveis. “Queremos que o máximo possível de pessoas se engaje, pois esse é o novo momento, de oportunidades que devem ser aproveitadas para melhorar a estrutura do nosso Complexo aqui da Universidade”, comenta.

Dúvidas e inquietações

Apesar de auspiciosas, as mudanças na forma de conduzir o Hospital Universitário e a Maternidade Escola, assim como todas as transformações, têm despertado muitas indagações, principalmente entre o corpo de profissionais que compõem as duas instituições. Até que ponto essas modificações podem afetá-los é o tema mais questionado. Mesmo boatos sobre demissões e transferências percorrem os corredores dos hospitais e eles vão sendo dissipados à medida em que as pessoas vão tomando conhecimento do projeto.

Entre os funcionários, as opiniões divergem. Alguns são otimistas, como é o caso de Selma Sanders, gerente do Serviço de Arquivo Médico e Estatístico do HUWC (SAME). “Foi dito numa apresentação do Dr. Florentino que esse era o temor de muitos funcionários, porque estavam se espalhando boatos pela não informação da realidade. Tem muita gente que não sabe como vai ser esse Complexo. Tinha gente falando que ia ser transferido para a MEAC e vice-versa, muita gente com insegurança, não há muita informação, mas acho que se for implantar do jeito que estão dizendo vai ser algo muito bom”. Já outros funcionários são mais receosos quanto ao futuro. “Estou sabendo de informações por corredor. Fiquei sabendo por algumas pessoas como seria a Superintendência. As pessoas têm medo de serem demitidas. Tenho 26 anos de SAMEAC e sempre ouvi esse discurso de que ela iria acabar. Parece que há projetos bons, mas quero ver na prática”, revela Neuma Cruz, enfermeira da Maternidade Escola Assis Chateaubriand.

“Desde que era estudante que havia esses ruídos de que a SAMEAC iria acabar, iria botar pra fora, que a SAMEAC iria deixar de existir”, confirma o recém-empossado Sullivan Mota, presidente da Sociedade de Apoio à Maternidade Escola Assis Chateau-

“Esse é o momento das oportunidades”, avalia o recém empossado superintendente do Complexo Hospitalar, Florentino Cardoso



Ao lado, maquetes digitais do Instituto de Ciências Médicas Paulo Marcelino Rodrigues, que irá abrigar pesquisas nas áreas de coração e transplantes

teremos o máximo de respeito por todos aqueles que fizeram essa caminhada, um percurso cheio de grandes dificuldades, financeiras e operacionais. O fim da SAMEAC teria um efeito dominó: se você fecha, retira mais de 800 funcionários do Complexo Hospitalar e esse complexo é sacrificado, ele não tem condições porque jamais o Governo Federal teria agilidade de fazer a substituição imediata. Certamente isso iria prejudicar a viabilidade do Complexo”, pondera Sullivan.

O médico explana ainda que, para prosseguir com os trabalhos, a SAMEAC passará por transformações, como a elaboração de um novo estatuto que irá ampliar o raio de ação não só junto à assistência do Complexo Hospitalar, mas na formação do profissional de saúde. “O estatuto vai permitir que nos articulamos junto aos cursos, ou seja, vamos trabalhar junto à Faculdade de Medicina, aos cursos de Enfermagem, Odontologia, Farmácia, e Fisioterapia, ampliando as possibilidades, por exemplo, no exercício de pesquisas e cursos de pós-graduação. Como temos mais agilidade e flexibilidade, poderemos lançar esses cursos com certificação própria, ou da UFC, seja em nível de extensão ou pós-graduação, fazendo com que haja geração de recursos através dessas ações, coisa que muitas vezes a universidade não pode fazer”, relata.

Empolgado com a liberação pelo Tribunal de Contas da União (TCU) das atividades da SAMEAC e com as possibilidades advindas do projeto do Complexo, o presidente diz que nem mesmo a dívida de R\$ 12 milhões será empecilho para o ressurgir da instituição. “A grande dificuldade que nós encontramos é uma dívida de R\$ 12 milhões, que é do complexo hospitalar em nome da SAMEAC. Essa dívida eu lamento que exista, mas não me apavoro com ela. Temos uma série de possibilidades de negociá-la essa dívida. Nossa meta é que em cinco anos te-



Silvio Furtado e Zenilda Bruno, diretores do HUWC e MEAC: parceria solidificada com o Complexo Hospitalar



briand (SAMEAC), órgão criado para gerenciar a Maternidade e que atuou por anos na administração também do HUWC. Para ele, se antes não havia fundamento para esses boatos, agora é que eles têm ainda mais motivos para desvanecer. “Com a implantação desse complexo a necessidade da SAMEAC se torna mais evidente, ou seja, impossível dela fechar”, comenta Sullivan.

Como detalha o presidente, os mais de 800 funcionários vinculados à SAMEAC desempenham um fundamental papel na constituição atual dos dois hospitais, sendo de grande importância a sua permanência para a configuração do Complexo Universitário. “Nós

nhamos quitado esses R\$ 12 milhões. Agora porque nós estamos devendo essa quantia vamos ficar de braços cruzados esperando que esse dinheiro chegue para que a gente possa atuar e gerar novos recursos? Não. Vamos gerar recursos de imediato”, expõe.

Em consonância com as palavras de Sullivan, o Reitor Jesualdo Farias sustenta a importância de se revitalizar a Sociedade de Apoio para que ela possa atuar como estrutura de apoio ao Complexo Hospitalar. “Não se trata – e isso é um compromisso dos reitores e eu tenho esse compromisso – de bater as portas da SAMEAC e criar uma nova realidade. Tanto é que estamos trabalhando a sua reestruturação. Temos hoje um excelente presidente, temos pessoal técnico que está sendo contratado para dar apoio às ações, estamos trabalhando mudanças no estatuto para viabilizar a SAMEAC como uma entidade que possa captar recursos e, com isso, vamos fortalecer também a estrutura, dando garantia de manutenção desse pessoal. Em momento nenhum passa pela nossa cabeça descartar o pessoal que ali está, até porque seria uma grande injustiça pela importância deles na manutenção desses hospitais quando não tínhamos gente do quadro”, explana Jesualdo.

Reestruturação dos Hospitais Universitários

Uma ação, desta vez partindo do Governo Federal, promete, se não solucionar, ao menos mitigar um dos grandes problemas dos 46 Hospitais Universitários em todo o País: a obtenção de recursos. A perspectiva vem através do Programa Nacional de Reestruturação dos Hospitais Universitários Federais – REHUF, do Ministério da Educação, que propõe uma reestruturação e revitalização dos hospitais das universidades federais, integrados ao Sistema Único de Saúde (SUS).

Assinado no dia 26 de janeiro de janeiro pelo Presidente Lula e publi-

cado no Diário Oficial da União no dia 27, o decreto do REHUF traz a novidade do financiamento partilhado dos hospitais entre os ministérios da Saúde e Educação. Atualmente, cerca de 70% dos recursos dos são oriundos do MEC e 30%, do Ministério da Saúde. O decreto prevê que cada Ministério entre com 50% do financiamento, o que poderá representar a cobertura das necessidades efetivas dos hospitais. Para Carlos Alberto Justo, diretor da Associação Brasileira de Hospitais Universitários e de Ensino (Abrahue), a medida terá grandes impactos na atual configuração dos HUs, com resultados até mesmo na regularização desses hospitais perante a sua legislação. “É preciso lembrar que, às vezes, os hospitais não possuem recursos para cumprir as próprias portarias que o Governo lança, então acreditamos que o REHUF possa dar essas condições. De uma forma geral, acredito que esse projeto possa contribuir para solucionar a questão do financiamento dos hospitais universitários que são locais de ensino, pesquisa e extensão e que atuam na formação de profissionais de diversas áreas”, aponta.

O decreto do REHUF estabelece ainda o regime de contratualização global com os hospitais, em vez do pagamento por procedimentos, por sua vez menos vantajoso. “Com a contratualização global há a possibilidade de mais recursos. Atualmente, temos atendimentos a mais do que é contratualizado e acabamos gastando mais do que recebemos. Com isso, ficamos sempre no vermelho, que é um problema dos hospitais universitários do Brasil todo. A contratualização global vem tentar corrigir isso, fazer com que a gente seja pago por tudo que é feito e não por cada procedimento específico”, aponta Zenilda Bruno, Diretora da Maternidade Escola Assis Chateaubriand. Segundo a Diretora, se confirmado esse regime, o impacto será considerável no orçamento dos hospitais. “O que a gente espera é uma melhoria para todos”, anseia.



Para Sullivan Mota, presidente da SAMEAC, boatos sobre demissões não têm fundamento.

Em suma, um novo fôlego para os hospitais universitários, após décadas de dificuldades, é o que prevê o REHUF. Um dos pontos mais críticos dos HUs, segundo o relatório do Programa – o corpo profissional – também será contemplado, com a previsão de recomposição do quadro de recursos humanos. Atualmente, existem no Brasil 1.124 leitos desativados por conta da falta de pessoal, além da necessidade de contratação de cerca de cinco mil servidores. A ideia é que esse cenário seja superado com novas contratações. “Espero que seja resolvida a questão de pessoal. Ela já foi vista inicialmente com a autorização de plantão hospitalar, mas que só atendeu a 30% do previsto. Se ocorrerem os contratos temporários, com concursos em seguida, será muito reduzido o impacto sobre o custeio do hospital. Acho que com a implantação do REHUF os hospitais vão mudar muito o perfil”, projeta Silvio Furtado, Diretor do Hospital Universitário Walter Cantídio.

Além dos ganhos quanto à assis-

tência, o decreto traça questões envolvendo o ensino, como a expansão dos programas de residência médica, implantação de residências multiprofissionais e a estimulação de linhas de pesquisa de acordo com o perfil local. Para o Diretor da Faculdade de Medicina da UFC, Luciano Moreira, o REHUF será um marco para a história da saúde do país. “Acreditamos que vamos ter uma melhora significativa na parte de treinamento e ensino não somente dos cursos de Medicina como daqueles cursos que se utilizam da estrutura hospitalar. Isso acarreta ganho em quantidade e qualidade de atendimento à população, lembrando que os hospitais universitários representam uma parcela significativa da atenção terciária no país”, afirma.

Um passo à frente

A perspectiva de um novo aporte de recursos do Programa REHUF significa para cada instituição não somente um



Setor de transplantes de fígado do HU é referência Norte/Nordeste. Huygens Garcia coordena a equipe

alívio em face das dívidas, como também, trabalho para obtê-los e geri-los. Para o recebimento das quantias, cada hospital deverá apresentar um relatório detalhado de suas atividades. E é aí que se unem Complexo e REHUF e a UFC fica na frente: devido aos trabalhos de pesquisa feitos pela Fundação Getúlio Vargas e a Universidade, na implantação do Complexo Hospitalar, a UFC já dispõe de grande parte das solicitações do Programa de Reestruturação dos Hospitais. “Tivemos a felicidade de começar esse trabalho exatamente no momento em que o Governo Federal trabalhava também uma proposta de reestruturação dos hospitais universitários no Brasil. Então, à proporção que o Governo, através do Ministério da Educação, ia evoluindo na construção desse programa, nós íamos aqui ganhando tempo. Talvez hoje, sem querer fazer nenhuma avaliação irresponsável, a UFC seja a universidade que está já preparada para absorver as novas diretrizes que estão contempladas no decreto que o Presidente Lula acaba de assinar”, comenta o Reitor Jesualdo Farias.

Ainda de acordo com o Reitor, até o final deste ano a proposta de reestruturação do HUWC e da MEAC estará pronta. “Já estamos na frente daquelas instituições que ainda vão começar o trabalho. Estamos com um entusiasmo grande e expectativa de evolução rápida do nosso trabalho, que já está em torno de 40% feito. Precisamos agora melhor dimensionar nossa força de trabalho, atualizar o nosso plano para poder contratualizar melhor, estabelecer metas mais atuais, reabrir leitos que porventura estejam fechados, tudo isso dentro da proposta do REHUF e, acima de tudo, fazer o pleito justo e necessário para os concursos”, expõe Jesualdo.

Instituto de Ciências Médicas Paulo Marcelo Martins Rodrigues

Além da reorganização das instituições já existentes, o Complexo Hospitalar irá contar com uma estrutura que ainda está para nascer: o Instituto Paulo Marcelo Martins Rodrigues. Às margens da lagoa do Porangabuçu, o local irá abrigar um hospital com 200 leitos, dedicado ao estudo do coração, suas afecções, e demais componentes do sistema circulatório, e a outras áreas, ainda em avaliação. A nova estrutura, que irá duplicar a atual capacidade de assistência do HUWC – serão realizadas cerca de 10 mil consultas por mês – terá todos os métodos de diagnósticos, como seis salas de ecocardiograma, duas salas de ergometria, uma sala de ressonância, uma de tomografia e uma de medicina nuclear. Profissionais e pacientes terão ainda à sua disposição 40 salas de consultório, oito salas cirúrgicas, 40 leitos de UTI, 160 leitos de internação, e um pronto atendimento. Na área de pesquisa, o centro vai agregar desenvolvimento de estudos multicêntricos e da área de Genética. Ademais, o ICM vai conectar pesquisa médica e pesquisa de tecnologia em saúde.

Atualmente em construção, a meta é que a primeira fase de obras, que constitui a parte de ambulatório,

seja concluída em setembro deste ano. Segundo o chefe do serviço de Cardiologia do HUWC, Carlos Roberto Martins Rodrigues Sobrinho, o Instituto surge com o objetivo de assumir a liderança em pesquisas do coração e transplantes. “É uma ação fundamental para a revitalização dos nossos hospitais e para o desenvolvimento da Universidade”, cita.

Conquistas nos transplantes

As boas notícias envolvendo o Complexo Hospitalar não apenas advêm de conquistas futuras. Uma estrutura já existente, o setor de transplantes do Hospital Universitário Walter Cantídio vem mostrando excelentes resultados: somente no ano passado, 147 transplantes foram realizados, sendo 82 de fígado e 65 de rim. Além disso, em dezembro de 2009, a equipe efetuou um transplante duplo de fígado e rim em um paciente de 48 anos. Com isso, o HUWC se estabelece em terceiro lugar no ranking de transplantes do Brasil, atrás apenas do Hospital Albert Einstein (SP) e do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo.

Maior centro de transplantes do Norte/Nordeste, recebendo pacientes do Ceará, Acre, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Amazonas, Pará, Distrito Federal e Pernambuco, o serviço do Hospital Universitário já realizou mais de 400 cirurgias desde sua criação, em 2001. Segundo o chefe do Serviço de Transplante de Fígado do HUWC, Dr. Huygens Garcia, a meta para este ano é que 100 pacientes recebam um novo órgão, além da realização do procedimento conhecido como bipartição, que irá permitir que um fígado doado possa ser dividido, beneficiando dois receptores. “O maior objetivo desse procedimento é contemplar as crianças, que têm poucos doadores e um órgão de um adulto não cabe nelas. Com a aquisição de equipamentos adequados, poderemos dividir um órgão para duas pessoas, utilizando a parte esquerda do fígado nas crianças”, detalha. UF

Sãos de corpo e mente

Os problemas que acometem o trabalhador da Universidade prejudicam o bem-estar individual e a harmonia do ambiente de trabalho. Existem, contudo, iniciativas internas para percebê-los e resolvê-los

Tida como a mais nobre e edificante das atividades, o trabalho carrega o peso da responsabilidade. Para desempenhar bem seu papel, o trabalhador precisa ter garantidos saúde e bem-estar, e na Universidade Federal do Ceará não é diferente. Revertendo uma tendência social, não são poucas as situações em que o ambiente, as condições ou a dinâmica do trabalho acabam por adoecer, embrutecer e desestimular o servidor.

Os casos são muitos – e diversos. Há o do trabalhador alcoólatra ou dependente químico, cuja família já se encontra esfacelada pela tristeza do vício. Seu rendimento profissional já foi por água abaixo e, muitas vezes, ele mergulha em processo constante de absenteísmo ou transferência de setor. Encontramos pelos corredores da instituição também o famoso assédio moral, passível de punição legal, que consiste nas situações de constrangimento, perseguição ou desarmonia entre duas partes que coexistem em um mesmo ambiente de trabalho. Existe ainda aquele servidor ou servidora que, portador de doença infecto-contagiosa ou de problemas mentais, é marginalizado pela equipe de trabalho. Encobertas pelo anonimato, essas situações têm em comum o preconceito com que são tratadas e a procura de ajuda tardia.

Na opinião de Cássio Brás, professor

do Departamento de Psicologia da UFC e coordenador do Núcleo de Psicologia do Trabalho (Nutra), quando há uma dificuldade, seja ela de saúde ou de relacionamento, já é uma situação reativa. “A complicação é que a pessoa não sabe agir antes do problema. A melhor coisa no ambiente de trabalho é a informação, a clareza nas relações, o diálogo e o feedback, mas isso nem sempre acontece”, afirma.

Desde 1994, o Nutra vem pesquisando as novas configurações do mundo do trabalho, além dos reflexos dessas mudanças no próprio ambiente acadêmico. Sob as vertentes Saúde Mental no Trabalho, Introdução à Psicologia do Trabalho e Novas Perspectivas de Trabalho na Contemporaneidade, o grupo vem realizando estudos que despertam o olhar da academia para o universo laboral. “Uma pesquisa atual nossa tem como objeto os professores substitutos, que vivem um processo de precarização. Eles têm o mesmo nível de cobrança e muito menos regalias que um professor efetivo”, ressalta Cássio.

Para reverter a situação e garantir uma situação de bem-estar permanente ao servidor da Universidade, a política de recursos humanos vem sendo humanizada, através do Departamento de Desenvolvimento Humano (DDH), ligado à Superintendência de Recursos Humanos

(SRH). Segundo sua coordenadora, Prof^a Celina Galvão Lima, a atuação é ampla: abrange ergonomia, insalubridade, atenção psicossocial, prevenção de doenças e atividades culturais. “Nosso objetivo é atender ao servidor em todas as suas demandas, sejam de saúde, relacionamento, lazer ou administrativo-financeiras. Para tanto, contamos com uma equipe multidisciplinar”, aponta.

Na equipe do DDH, lidam diretamente com o trabalhador duas assistentes sociais (ligadas às áreas de trabalho e de saúde), dois psicólogos (um clínico e outro do trabalho), três médicas do trabalho e uma engenheira de segurança, além de profissionais ligados à administração de benefícios.

Na Divisão de Apoio Psicossocial, uma das ramificações da DDH, são atendidas demandas de constrangimento no ambiente de trabalho e realiza-se mediação e restabelecimento da comunicação entre as partes envolvidas. Também há atendimento em psicologia clínica, acompanhando casos de problemas de saúde (como alcoolismo) e problemas de relacionamento. “Realizamos ainda visitas a todo servidor que está afastado há mais de um mês por problemas de saúde. Fazemos o possível para que o servidor se restabeleça e possa retornar à sua função o mais rápido possível”, afirma a assistente social Ana Paula Carvalho.

“Trabalhamos também com diversos casos de constrangimentos que se

enquadram no conceito de assédio moral. Damos suporte a perícias, onde são levantadas as relações entre os acontecimentos e a conduta do servidor. Quase sempre quem procura é o trabalhador, e não a chefia. Mas sempre procuramos ouvir os dois lados”, explica o psicólogo do trabalho Pablo Pinheiro. O esforço é para evitar o desgaste ocasionado pela abertura de um processo administrativo.

Na área psicossocial, o Departamento considera importante a valorização do servidor que está próximo da aposentadoria. São promovidas reuniões de preparação, onde se discute saúde, previdência social e projetos de vida para o período. “Normalmente, é uma época que traz depressão, angústia, incertezas. As pessoas têm a noção de que deixarão de ser importantes para o contexto social e empregatício”, detalha Celina Lima.

A saúde mental do trabalhador tem sido encarada como preponderante no desempenho e na permanência dele no exercício de sua função. Realizado em parceria com o Nutra no final do ano passado, o I Seminário Saúde Mental na Administração Pública sensibilizou pessoas de diversas instituições cearenses e até de outros estados para a temática. “Isso mexeu com a comunidade e levantou essa discussão na UFC. Nossa intenção é reforçar as ações nesse campo, por entendê-lo como fundamental para o bem-estar do trabalhador”,

ressalta Celina. As articulações para a segunda edição do evento já estão começando.

Na área médica e de segurança, o DDH conta com a Divisão de Saúde do Trabalho e Meio Ambiente. A atuação conjunta da Medicina e Engenharia de Segurança se dá através da Comissão de Avaliação Ambiental e Perícia. São foco da divisão condições de periculosidade e insalubridade, prevenção de doenças, controle médico e de riscos ambientais, além de um programa de vacinação do servidor. Helyett Rola, médica do trabalho, explica as atividades da divisão: “Além do atendimento em saúde, levantamos riscos físicos, químicos e biológicos, dentro dos limites de tolerância da lei. E trabalhamos com avaliações na área de ergonomia, emitindo laudos de acordo com a legislação específica”.

Serviço ambulatorial

Para o trabalhador que necessita de atendimento médico, existe o Ambulatório do Servidor do Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC), criado no início da década de 1990 no Campus do Porangabuçu. Ele atende a servidores docentes ou técnico-administrativos, seus cônjuges e filhos menores de 21 anos. O serviço também é estendido a estudantes da UFC e funcionários prestadores de serviço da Sociedade de



Equipe da DDH: ações englobam atenção psicossocial, benefícios, saúde, condições de trabalho e cultura

Apoio à Maternidade Escola Assis Chateaubriand (SAMEAC).

Na equipe do Ambulatório, trabalham oito médicos, uma enfermeira e uma psicóloga, além de três atendentes. Desde a criação, já foram realizados cerca de 14.000 atendimentos. A maioria dos médicos é trazida de equipamentos como o Hemoce e de outros serviços médicos do HUWC. Professores da Faculdade de Medicina também atendem pelo ambulatório.

“No caso de primeira consulta, o servidor pode marcar por telefone, no período de 10h às 12h e de 13h às 15h30min. Já o horário de atendimento vai das 8h às 16h”, orienta Auxiliadora de Sousa, uma das responsáveis pelo atendimento. O serviço é bem difundido, principalmente entre os servidores do Campus do Porangabuçu. Alguns trabalhadores da Universidade, contudo, desconhecem detalhes sobre o serviço e acabam sabendo de sua existência pelo boca-a-boca. Além do trabalho ambulatorial, a equipe, coordenada pelo Dr. Paulo Roberto Lins Ponte, costuma promover campanhas de conscientização e prevenção contra hipertensão e diabetes.

Momentos de lazer

Benefícios como férias, gratificações, folgas e atividades recreativas surgiram como uma compensação pelo caráter alienante do trabalho. Ou seja, o lazer sempre foi elemento importante para manter o trabalhador saudável. “Os momentos de lazer não precisam, necessariamente, competir com o horário de trabalho, embora as pessoas associem o tempo somente ao tempo produtivo. O tempo livre é visto com sentimento de culpa”, aponta o Prof. Cássio Brás.

Para atender a esses anseios, o DDH conta com o Núcleo de Produção e Programas Culturais, coordenado pelo servidor Elízio Cartaxo. Projetos como a já conhecida Orquestra de Flautas da UFC, que atende a servidores e seus filhos, descobrem e lapidam talentos. O trabalho é completado com a promoção de oficinas de artes, concursos de poesia (o último gerou uma coletânea) e eventos diversos. Um grupo de teatro formado por servidores está sendo gestado e deve começar a atuar em 2010.

“Quando promovemos eventos como o último Auto de Natal (en-

cenado por servidores, professores e alunos na Concha Acústica da Reitoria em dezembro), as pessoas elogiam o fato de reunirmos setores diferentes. Isso é difícil, pois a Universidade é muito grande. A atividade cultural e artística é um meio de aproximação entre o servidor e seus colegas”, define Elízio. Na lista de projetos para este ano, está a comemoração em grande estilo do aniversário da Orquestra de Flautas, em agosto. A ideia é promover também novas oficinas de dança de salão, artes marciais, yoga e teatro.

Em 2010, a palavra de ordem é fortalecer parcerias. De acordo com Cássio Brás, há projetos de implantar, com o apoio da Administração Superior, o Serviço Integrado de Psicologia (SIP), que deverá unir ainda mais DDH e Nutra. “O servidor está tomando conhecimento disso agora. Na Universidade de São Paulo, por exemplo, o Instituto de Psicologia é referência para os servidores. Há um longo caminho a percorrer, e a informação é a principal ferramenta”. 

SERVIÇO

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (DDH – SRH)

Diretoria: 3366.7409
Administração de Benefícios: 3366.7410
Apoio Psicossocial: 3366.7411 ou 3366.7887
Saúde e Meio Ambiente: 3366.7393
Núcleo Cultural: 3366.7412

Ambulatório do Servidor - Hospital Universitário Walter Cantídio

R. Capitão Francisco Pedro, 1290 - Rodolfo Teófilo - 1º andar, sala 21
Horário de funcionamento: 8 às 16h
Telefone: 3366.8136

Eles conseguiram! consequiram!

Universidade Pública apresenta histórias de alunos de escola pública que conseguiram entrar na UFC com a ajuda de cursinhos pré-vestibular, que funcionam como projeto de extensão dentro da Universidade

Eles têm a mesma pretensão: ajudar alunos vindos da escola pública a passar no vestibular mais concorrido e difícil do Estado, o da Universidade Federal do Ceará. Projetos de extensão, os cursinhos pré-vestibular vinculados à UFC atraem cada vez mais interessados por sua reconhecida qualidade de ensino. Eles também oferecem um valor mais acessível da mensalidade e proporcionam aos alunos a oportunidade de estudar na Universidade antes mesmo da aprovação no vestibular.

Nascido há 24 anos, o Projeto Novo Vestibular é o mais antigo deles. Iniciativa do Centro Acadêmico do Curso de História, o PNV, se propõe “um ensino de qualidade reflexivo”, segundo Hector Cândido, coordenador-administrativo do cursinho há dois anos e estudante do Curso de História da UFC. Na equipe do pré-vestibular há 26 bolsistas: 20 professores – apenas alunos de licenciaturas da UFC – e seis coordenadores, incluindo uma bibliotecária.

O cursinho mantém seis turmas que recebem, no início de cada ano letivo, mais de 400 alunos. Porém, isso representa menos da metade do total de inscritos para a seleção, que

já chegou a mais de mil interessados. Esse número se reduz a cerca de 200 alunos a cada final de ano, pois muitos estudantes não conseguem conciliar o trabalho de dia e as aulas do pré-vestibular à noite, e findam abandonando o PNV no meio do caminho. “Alguns também não fazem o vestibular por ainda sentir insegurança em relação à prova ou não conseguir isenção da taxa de inscrição”, explica Hector. Dos 120 alunos do PNV que tentaram o Vestibular 2010 da UFC, 86 conseguiram a aprovação na 1ª fase do concurso.

Ex-aluna do PNV, Patrícia de Oliveira Batista, de 23 anos, concluiu, no final de 2009, o curso de Letras. Ainda na graduação, sentia a necessidade de voltar ao cursinho que contribuiu para a sua aprovação no vestibular e acabou tornando-se professora de Gramática do Projeto. “De todas as minhas experiências da graduação, ter sido professora do PNV foi a melhor, porque é um retorno meu, éz o meu melhor para retribuir. Foi das experiências mais gratificantes poder voltar para cá; a aprovação no vestibular é consequência. A principal gratificação está no acesso às discussões, aqui você já se sente



parte da universidade”, revela.

Também ex-aluno do PNV, Wesley Soares Silva, de 21 anos, teve um 2006 difícil. Pela manhã, cursava o 3º ano do Ensino Médio na Escola Joaquim Albano, na rede pública. À tarde, estudava idiomas. O terceiro turno, à noite, era de dedicação total às aulas no PNV. Tanto empenho valeu a pena: foi aprovado, de primeira tentativa, para o Curso de Ciências Contábeis da UFC. “Teve momentos em que me questionei se ia dar certo mesmo, pois era muito estressante. Pensei até em desistir, mas os professores do cursinho me incentivaram”, recorda. Wesley acredita que sem as aulas no PNV não teria obtido sucesso no vestibular. “Na escola pública não existe preparação para o vestibular. O PNV foi meu primeiro contato com a universidade em si, me fez crescer também como pessoa”. Hoje ele é bolsista de iniciação científica da UFC.

Cursinho e associação

Criado como associação por um grupo de alunos da Faculdade de Direito, o Curso Paulo Freire está completando dez anos. Ele passou a projeto de extensão da UFC ainda nos primeiros meses de atividades, quando salas da Faculdade foram cedidas para as aulas do cursinho pré-vestibular. O diferencial do Curso, que homenageia o maior educador que o Brasil já teve, são aulas realizadas somente nos fins de semanas, o dia inteiro. “Em 2000, já existiam cursos populares, mas eram ou durante a semana – quando nem todo mundo pode cursar porque trabalha –, ou eram caros, mesmo sendo populares”, explica Gabriel Franklin, há cinco anos estudante de Direito e também professor de História do Curso Paulo Freire.

Parte da renda que mantém o Curso vem do projeto de apadrinhamento de alunos por pessoas físicas. “Começou em 2004, com os professores de Direito doando R\$ 10,00 por aluno. Depois divulgaram para

familiares. Alguns alunos tinham até cinco padrinhos”, recorda Gabriel. O valor quase irrisório de R\$ 20,00 por mês pago pelos alunos é possível porque os 20 professores do Paulo Freire, todos estudantes da UFC, lecionam de forma voluntária. “Nunca tivemos bolsas. Somos remunerados aproveitando créditos de extensão e ensino em nosso histórico escolar. Mas a retribuição maior que temos é espiritual”, afirma o estudante de Direito.

Francisco Oliveira, mestrando em Geografia e um dos coordenadores do Paulo Freire, garante que o pré-vestibular reserva importantes compensações. “Muitos desdenham em relação à oportunidade de lecionar sem ser remunerado por isso. O Curso me trouxe amadurecimento pessoal e profissional. Que isso seja uma reflexão e um alerta para a própria comunidade acadêmica de que os cursinhos, como projetos de extensão, dão mais que créditos”.

A cada ano, o Paulo Freire abre, em média, 50 vagas, que já chegaram a ser disputadas por até 300 candidatos. Em 2008, devido à evasão de alguns alunos e aprovação de outros em vestibulares realizados na metade do ano, apenas 25 concluíram o cursinho. Desses, 16 passaram para a 2ª fase da vestibular, e nove garantiram a entrada na UFC. “Mas não ficamos tristes porque somente nove passaram, pois eles aprenderam muita coisa aqui, tiveram experiências diferentes, fizeram novas amizades e levarão isso para a vida. Falamos sempre aos alunos que eles são capazes de passar no vestibular, que é duro mesmo, complicado”, afirma o coordenador do Paulo Freire.

Ciente dessa barreira, com persistência Ana Carolina Rodrigues, de 25 anos, conseguiu a tão sonhada vaga na UFC. Ela estudou o Ensino Médio na Escola Visconde do Rio Branco, também da rede pública. Daquela época, restou a lembrança de que ninguém falava sobre vestibular no colégio. Ao final de 2001, a reprovação no vestibular não foi nenhuma surpresa. No ano seguinte, Ana



Patrícia Batista, Hector Cândido e Wesley Silva em frente ao PNV. Projeto existe há 24 anos

Carolina não apenas conseguiu uma vaga no Paulo Freire, mas também no PNV. Nos sete dias da semana, só estudo. O sacrifício de abrir mão de festas com os amigos somado a tanta dedicação fazia dela uma aprovada em potencial no vestibular. Infelizmente, não obteve êxito.

Três anos e um curso técnico de Turismo depois, Ana Carolina prestou o vestibular para Letras/Espanhol na UFC. Passou em 5º lugar e se descobriu professora. “Não teria sucesso sem os cursinhos, pelo estímulo e porque soube o que acontecia dentro da Universidade. Você se depara com um mundo que considera intelectual e quer fazer parte desse mundo. Saí de um momento estático para um mundo de oportunidades, e o cursinho foi a porta de entrada nesse mundo”, reconhece.

Há três anos Ana Carolina leciona Gramática no Curso Paulo Freire. “No começo, tive medo por achar que a cobrança dos alunos seria maior, por ter sido aluna do Curso. Hoje, falo com orgulho para mostrar que eles, alunos de escola pública, podem chegar mais longe, como eu cheguei”, declara.



Gabriel Franklin, Francisco Oliveira e Ana Carolina: professores do Curso Paulo Freire são voluntários

XII de Maio

Também criado há dez anos, outro projeto de extensão pré-vestibular é o Curso XII de Maio, da Faculdade de Medicina. Atualmente, o Curso promove dois processos seletivos durante o ano. No início, são 350 vagas divididas em três turmas anuais. No meio do ano, 100 vagas são destinadas para uma turma semestral. Em dez anos, mais de 3.200 alunos já passaram pelas turmas do XII de Maio, que mantém uma das maiores equipes entre os cursinhos vinculados à UFC: cinco coordenadores discentes e três corretores de redação, alunos do Curso de Medicina; 15 professores, de variadas graduações da UFC; dois auxiliares administrativos e um extensionista de Biblioteconomia.

Até garantir uma boa estrutura, o XII de Maio passou por alguns problemas. “Como utilizamos as salas da Faculdade de Medicina à noite e aos fins de semana, levou tempo para que conseguíssemos ganhar a confiança e o respeito das pessoas. Também foi muito difícil encontrar alguém que aceitasse tirar todas as cópias necessárias para os alunos com a nossa

simples promessa de que pagaríamos quando pudéssemos”, conta Hilda Bezerra, coordenadora e articuladora do cursinho.

No Vestibular 2009 da UFC, 128 alunos do XII de Maio foram aprovados na 1ª fase. Desses, 64 conseguiram entrar na Universidade. No Vestibular 2010, o Curso comemorou a aprovação de 186 alunos na 1ª fase do concurso. Já no Vestibular 2008, um dos que sorriam foi o ex-aluno Thiago Rodrigues de Castro, de 24 anos. No entanto, demorou até que isso acontecesse. No XII de Maio ele estudou por dois anos e, mesmo assim, não conseguiu aprovação. Somente quatro anos depois, com bolsa de estudo em escolas particulares, Thiago se tornou aluno do Curso de Medicina. “Tentei vestibular seis vezes. Em todas, passava na 1ª fase e caía na 2ª, por poucos pontos. Quando se é aluno de escola pública, normalmente você acaba ouvindo de todo o mundo que não é capaz de realizar seus próprios sonhos. Mas o Curso XII de Maio me deu moti-

vação para acreditar que era possível e me capacitou para isso”, garante Thiago.

Filho pródigo, Thiago percebeu que poderia ajudar outros estudantes a serem beneficiados pelo cursinho, assim como ele foi. Hoje é coordenador pedagógico do XII de Maio. “Iniciativas como o Curso XII de Maio realmente transformam a vida das pessoas. Transformou a minha e outras centenas”, destaca.

MAIS INFORMAÇÕES SOBRE OS CURSINHOS NA UFC

Projeto Novo Vestibular

(85) 3366.7747

Pré-Vestibular do Centro de Ciências

(85) 3366.9780

Curso Paulo Freire

(85) 3366.7855

www.cursopaulofreire.blogspot.com

Curso XII de Maio

(85) 3082.5202 / 3366.8047

www.curso12demaio.ufc.br

Pré-Vestibular do Sintufce

(85) 3052.3660

www.prevestsintufce.blogspot.com

O preço de comer bem

Alimentar-se de forma saudável está na moda e já é um estilo de vida para muita gente. Mas será que alimentar-se bem é um privilégio acessível?

por Simone Faustino

A comida, desde as mais remotas civilizações, sempre foi fonte de preocupação do ser humano. No antigo Egito, os gatos tornaram-se animais sagrados por guardarem os silos que armazenavam cereais das colheitas e impedirem a presença de roedores. Paralelo à cultura *fast food*, tem crescido em nossa sociedade o culto não aos gatos nem aos grãos, mas a outra coisa: a alimentação saudável. “Está na moda por três razões: a grande ocorrência de doenças relacionadas à alimentação inadequada; a visibilidade dada às informações médicas pelos profissionais da área de saúde e a descoberta, pela mídia, de que isso é um assunto que vende e é do interesse de todo o mundo”, enumera Helena Selma Azevedo, professora do Departamento de Economia Doméstica da UFC e presidente do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional do Ceará (Consea - CE).

Uma geração movida a “barrinhas” de cereal, suplementos alimentares e comida orgânica habita as academias de ginástica e constitui-se em nicho de mercado. Sob as palavras-chave “alimentação saudável”, o site de relacionamentos Orkut lista 44 comunida-

des, a maior dela com mais de 50 mil membros. É um público cuidadoso com o corpo e a saúde, disposto a desembolsar mais dinheiro por um estilo de vida “geração saúde”. “Esses alimentos processados que são vendidos como saudáveis pesam no bolso. Uma barra de cereal custa, no mínimo, R\$1,50. Se você colocar frutas picadas com gergelim e linhaça, vai consumir o mesmo ou até mais nutrientes, por um preço bem inferior, além de render em quantidade”, exemplifica a Professora.

A opinião é compartilhada por Rafaela Fragoso, nutricionista de uma rede de supermercados em Fortaleza. “Nessa moda de produtos *light*, *diet* e *zero*, o significado fica confuso. Muitos estão sendo consumidos pela praticidade. Só que poucos sabem que a quantidade de fibras de uma barra de cereal pode ser conseguida ou superada facilmente por um lanche de frutas variadas. Já no caso dos famosos sucrilhos matinais, a pessoa tem que ter cuidado com a quantidade de açúcar”, alerta.

Segundo ambas, a alimentação saudável não é feita de um produto ou de outros, mas das escolhas certas. Deve incluir todos os tipos de alimentos: car-

boidratos provenientes das massas e cereais; minerais e vitaminas das frutas e verduras; fontes de proteína, como feijão, carnes, leite e derivados; gordura e açúcar. Tudo isso respeitando uma proporção ideal, cujo rigor científico é representado pela pirâmide alimentar.

“Somos compostos de água, proteínas, carboidratos, gorduras, sais e vitaminas, por isso são justamente esses elementos que devemos ingerir para viver. A necessidade de comida depende de fatores como idade, atividades que a pessoa desempenha, peso e altura, além dos hábitos de vida”, orienta o Dr. Ricardo Aires, gastroenterologista, professor do Departamento de Medicina Clínica da UFC e membro da *American Gastrointestinal Association (AGA)*. De acordo com o médico, nada é proibido, mas é preciso ter a consciência da moderação, principalmente depois de certa idade.

Questão de opção

Na juventude, as pessoas tendem a apresentar uma preocupação menor com o que comem. Quantidades e calorias passam longe da parcimônia quando estamos no auge do metabolismo. Chico Célio Vieira, 22, estudante de Jornalismo, faz praticamente todas as refeições fora de casa, por isso seu

corrido dia-a-dia é abastecido à base de sanduíches, salgados e refrigerantes. Até agora, o único porém foi o aparecimento de um refluxo gastroesofágico, agravado pelo fato de ser fumante. “O refluxo, em tese, deveria me fazer comer melhor para atenuar os sintomas. Como eu não cuido muito da alimentação, acabei tendo uma esofagite (inflamação na mucosa do esôfago). Vez por outra, penso em melhorar e passo algumas semanas me alimentando melhor, mas logo esqueço e volto pra *fast food*”, confessa o estudante.

As escolhas, segundo ele, não pesam tanto no bolso. O lanche típico das grandes cadeias de *fast food* equivalem ao que ele comeria em um *self service* de boa qualidade. “Por exemplo, um “combo” grande do McDonald’s com sanduíche, batata frita e refrigerante custa em torno de 15 reais, que é o mesmo que comprar um suco e um prato balanceado, em torno de 600 gramas”, compara.

Na contramão da alimentação rápida e motivada pelo amor aos animais e

ao próprio corpo, a terapeuta natural Silviane Silvério foi do estilo de vida à doutrina. Vegetariana há oito anos, ela até já foi proprietária de um restaurante de comida natural, fechado há pouco mais de um mês. Ela não acha que é preciso investir muito dinheiro para comer bem, e que a sociedade não percebe o quanto é caro comer carne. “Numa escala do pior ao melhor, seria assim: carnes industrializadas e enlatadas, carnes vermelhas, carnes brancas, proteína de soja e vegetais ricos em proteína”, ressalta.

A moça também não é adepta de produtos *light*, *diet* e *zero*, porque acha confusa a composição. “Tem coisas neles que estão até em detergentes, é uma infinidade de produtos químicos. Nós somos seres naturais, seres da natureza, e nosso corpo não assimila bem esses aditivos artificiais, são substâncias que se acumulam e fazem mal”, afirma, categórica. Na sua dieta, o mais caro são as massas integrais, como macarrão, arroz e massa de lasanha (custam entre cinco e dez reais o pacote). Os cogumelos, que usa em vários pratos, também podem custar 11 reais o vidrinho. “O queijo de soja também é bem caro, mas como sei fazer em casa, já é uma despesa a menos. A parte mais barata é a variedade de frutas, verduras e legumes”, adianta.

Apesar de irredutível quanto ao consumo de animais em suas refeições, Silviane admite que o trabalhador que ganha salário mínimo tem como enriquecer sua alimentação e torná-la mais saudável. “O arroz branco, por exemplo, pode ser adicionado de fibras, como gérmen de trigo. Não é o que eu defendo, mas é possível ter uma alimentação saudável ainda comendo carne. Basta comer alimentos variados, moderar as quantidades e evitar os alimentos industrializados e enlatados”, analisa.

Peso no bolso

Segundo dados do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), em dezembro de 2009 o valor da cesta básica era de R\$ 176,96. Esse parâmetro inclui um mínimo de nutrientes, calorias, carboidratos e proteínas para a subsistência vital de uma família de quatro pessoas. Para pagar a cesta básica, tendo como base os dados do período, seriam necessárias 83h43min de trabalho. Nesse raciocínio, para pagar a referida cesta com folga, sem interferir nos demais gastos (educação, vestuário, transporte, higiene e saúde, dentre outros), o salário mí-

nimo teria de ser de R\$ 1.995,91.

Como não são ideais as condições salariais, a alternativa é buscar uma alimentação saudável, balanceada e regional, mas sem ser muito cara. E isso é possível? Segundo a Prof^a Helena Selma Azevedo, sim. “Lógico que também nunca é muito barata. A segurança alimentar é gerada por uma infinidade de variáveis, e o preço é algo muito complexo. Mas você pode comer alimentos *in natura*, da época, saudáveis e provenientes da agricultura familiar por um baixo custo”, diz. A nutricionista Rafaella Fragoso dá uma sugestão: “Por exemplo, se você aproveitar a safra das frutas,

como a manga neste período, o preço vai estar melhor. Alguns meses atrás, o caju estava em abundância. É bom prestar atenção nisso”.

A diferença no orçamento foi sentida na pele pelo biólogo e professor da rede estadual de ensino Demétrio Gomes. Depois do diagnóstico de pedras na vesícula, ele tem praticado uma dieta rigorosa. “Cessei os alimentos gordurosos e diminuí o consumo de proteínas, pois toda carne tem gordura. Também tenho que comer mais vegetais frescos, massa integral, peixe, frango, soja e margarina com baixo teor de gordura e sal. Para quem comia o



Fã dos fast-foods, Chico Célio Vieira atribui à rotina agitada a má alimentação



Vegetariana, Silviane Silvério cumpre dieta sem comidas enlatadas ou industrializadas

Uma pesquisa realizada pela Prof^a Selma Azevedo e alunas do curso e Economia Doméstica mostra dados interessantes, que reforçam a possibilidade de driblar o mito de que só se come bem gastando muito. Por exemplo, um café da manhã contendo uma tapioca com coco, um café com leite e mamão, que possui as proteínas, carboidratos e calorias necessárias, custa um real. Se, no lanche da manhã, você comer uma banana, vai gastar apenas dezesseis centavos. Até aí, o consumidor gastaria menos de R\$ 1,20.

Um almoço que incluía um baião de dois com queijo acompanhado de ovos mexidos e salada de alface e tomate, sairia a 0,89 centavos por pessoa. Uma manga no lanche custaria 37 centavos. “E, segundo pesquisamos, um jantar à base de cuscuz com frango ao molho, que é uma coisa gostosa, teria um valor de 66 centavos. Já uma ceia de melão japonês, sairia a R\$ 1,36. Em um dia, seriam gastos cinco reais em comida, obedecendo à necessidade de nutrientes do corpo”, reforça a economista doméstica. A pesquisa teve como base apenas o valor dos ingredientes usados. “A pessoa pode ser saudável consumindo alimentos comuns, desde que balanceie consumo e necessidade. Nada pode ser à vontade”, completa Rafaella Fragoso.

Independente do caminho escolhido, o consumidor recebe dos profissionais de saúde os mesmos conselhos. Frutas frescas, legumes cozidos e verduras cruas devem estar no topo das preferências, mas não necessariamente a prioridade é para os orgânicos. “O orgânico é muito caro, até porque a produtividade não é tão volumosa. Se a pessoa tiver o cuidado de lavar, higienizar os produtos da agricultura tradicional, não tem problema, ela vai ingerir e continuar saudável”, informa a nutricionista. Os carboidratos, devem ser, de preferência, complexos ou integrais. “As proteínas precisam ser ricas em aminoácidos essenciais e pobres em gordura”, diz o gastroenterologista. E, para completar, é preciso fugir dos alimentos artificiais, ricos em açúca-

res e carboidratos refinados. Se não puder cortá-los, evitar é um esforço que vale a pena.

As opiniões dividem-se apenas no que diz respeito à manipulação genética. O Dr. Ricardo Aires é um entusiasta, chegando a chamar a prática de “revolução alimentar”: “É tudo graças à biotecnologia. Com a modificação genética, podemos criar espécies que contenham menos nutrientes prejudiciais ou que não precisem de tantos aditivos químicos”. Já a Profª Selma Azevedo é receosa: “Não sabemos ainda os efeitos a longo prazo da transgenia, então é preciso cautela”.

Vale a pena ou não?

Avaliando-se o custo-benefício, alguns alimentos da atual onda “saúdável” podem compensar ou não sua inclusão na dieta cotidiana.

É bom incluir:

- Leite desnatado ou semidesnatado (baixa caloria e gordura a um preço semelhante)
- Requeijão light (baixa caloria e gordura a um preço semelhante)
- Iogurte light (baixa caloria e gordura a um preço semelhante)
- Margarina sem sal (diminui risco de hipertensão)
- Queijos coalho light, ricota ou minas (perde quantidade significativa de gordura)
- Massas e cereais integrais (ricos em fibras, vitaminas e minerais)

É bom evitar:

- Chocolate diet (o que é retirado em açúcar é compensado em gordura)
- Shakes que substituem refeições (não saciam a fome e nem contêm todos os nutrientes na quantidade necessária)
- Refrigerantes light, diet ou zero (possuem muito sódio e nenhum nutriente importante)



Moderação é o segredo de uma boa alimentação, defende o gastroenterologista Ricardo Correa

ABC dos alimentos

Abaixo, um pequeno glossário de conceitos importantes para a compreensão do que é uma alimentação balanceada.

Agricultura orgânica: Forma de cultivo isenta de agrotóxicos, aditivos químicos ou substâncias prejudiciais.

Agroecologia: É a agricultura orgânica aliada a conceitos como economia solidária e sustentabilidade social dos produtores rurais.

Alimentos funcionais: Possuem em sua composição elementos que têm ação benéfica diretamente em alguma parte do organismo. Ex: licopeno, betacaroteno e fibras.

Diet: Alimentos com íons dietéticos, isentos de algum tipo de nutriente, como gordura e açúcar. Ex: Gelatina sem açúcar. Gordura trans: Gordura cujas ligações entre as moléculas foram mo-

diñcadas em manipulação química. É extremamente prejudicial.

Light: Alimentos com índices reduzidos em no mínimo 25% de algum tipo de nutriente, mas não totalmente isentos dele. Ex: Leite semidesnatado.

Probióticos: Alimentos que têm a adição de microorganismos com ação terapêutica ou auxiliar em alguma função do organismo.

Transgênicos: Organismos geneticamente modificados com o objetivo de melhorá-los com relação às suas espécies originais.

Zero: Nomenclatura dada a produtos que não alimentam (como refrigerantes e chocolates, chamados “calorias vazias”), mas tiveram a retirada de algum tipo de nutriente. Ex: Guaraná com zero açúcar. 

Como estranhos no ninho



A partir deste ano, o público com deficiência da Universidade será beneficiado com o primeiro plano de políticas institucionais voltadas para a inclusão. Nas páginas a seguir, conheça a vida de três desses alunos: um cego, uma surda e um cadeirante

Folhear um livro e não conseguir ler; chegar ao restaurante, fazer um pedido ao garçom e não ser entendido; descer do carro e não poder subir a calçada; abrir os olhos e perceber que o mundo não foi feito para você. É assim que se sentem cerca de 25 milhões de pessoas com deficiência no Brasil, guerreiros diários na luta pelo respeito e pela convivência em espaços pouco preparados para recebê-los.

A própria Universidade Federal do Ceará era, há pouco, uma fronteira intransponível para pessoas com deficiência. “A UFC foi construída na década de 50, quando mal se falava em inclusão. Só do fim da década de 80 para cá é que o tema ganhou força e a Universidade precisou se adequar”, explica a Profª Zilsa Santiago, do curso de Arquitetura e Urbanismo.

Reformas, capacitações de professores e projetos pedagógicos voltados para esse público foram realizados nos últimos anos. Mas, em 2010, pela primeira vez na história da UFC, um grupo formado por servidores técnicos-administrativos, estudantes e pro-

fessores das áreas de Saúde, Direito, Arquitetura, Informática, Ciência da Informação e Educação, se organiza para elaborar um plano institucional de inclusão. Trata-se da Comissão Especial de Educação Inclusiva (CEIn), criada para apresentar, ainda este ano, um conjunto de ações que busquem melhorar o dia-a-dia desse público na Universidade.

Segundo a presidente da Comissão, Profª Vanda Magalhães – do Departamento de Estudos Especializados, da Faculdade de Educação – a iniciativa vai além das medidas já tomadas. “Hoje estamos num patamar emergencial. Quando se identifica um aluno com deficiência procura-se fazer rampa, adaptação de banheiros etc. Há vários projetos, mas nenhum tratado como política institucional”, detalha.

Atualmente, a UFC possui cerca de 10 estudantes com deficiência, a maioria cega e surda. O número é aproximado porque, segundo Vanda, há casos em que nem mesmo a coordenação do curso onde o aluno está matriculado sabe que ele existe.

“Nossa primeira fonte é a CCV (Coordenadoria de Concursos), que nos passa um relatório da quantidade de aprovados no vestibular que declararam ter deficiência. Mas há caso de míopes que se dizem deficientes visuais. Então, não dá para contar apenas no relatório”, lamenta.

UP localizou alguns desses estudantes e mostra, nas próximas páginas, um pouco de suas rotinas. Lara Andrade, Pablo Busatto e Kátia Lucy deverão ser beneficiados com o resultado do trabalho da CEIn. Embora saibam que algumas das iniciativas só poderão ser vistas quando já estiverem fora da sala de aula, eles garantem: o importante é que as mudanças cheguem.

Lara Andrade

Ela vai ao cinema, pratica esportes, toca instrumentos, estuda, trabalha e vive como se não enxergar fosse um mero detalhe. Lara Andrade Lima, 21 anos, aluna do 5º semestre do curso de Letras – Espa-

nhol da UFC, é cega desde um ano e três meses de idade, conseqüência de uma doença na retina. Em entrevista, a jovem relata à UP as dificuldades, esbanjando otimismo.

UP – Ser cega atrapalha a convivência social na Universidade?

Lara Andrade – Sempre digo: o diferente sou eu. Então, se chego num canto e me isolo as pessoas não vão se aproximar do diferente. Cabe a mim a aproximação.

UP – Você já sofreu preconceito na Universidade?

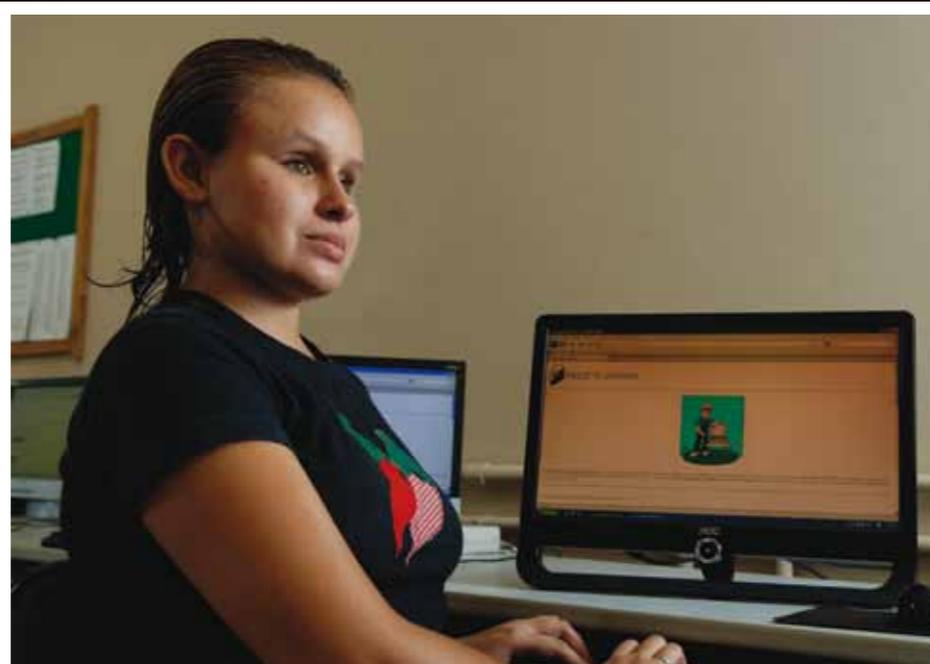
LA – Na primeira semana de aula quis ir embora. Os alunos aqui são meio individualistas. Poucos sentam do teu lado pra ler a lousa, perguntar se está precisando de ajuda. Conversar no corredor todo mundo conversa, mas querer fazer trabalho junto é mais complicado.

UP – O que é mais difícil na Universidade para uma pessoa cega?

LA – Livro. Não posso me dar ao luxo de tirar xérox, porque fica muito manchada e não dá para ser escaneada; o computador não consegue ler. Para pegar livro na biblioteca também é complicado, pois se abrir pra escanear, desmonto o livro. Então, tenho de comprar todos.

UP – Quanto ao aprendizado, como você se avalia em relação aos outros?

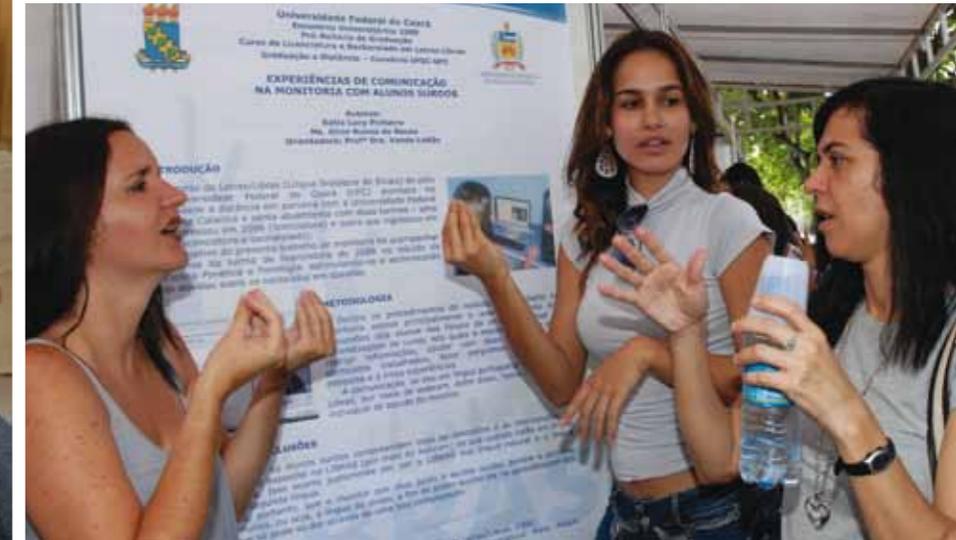
Lara – Mesma coisa, nem melhor nem pior. Vejo tudo com muita normalidade. Não existe um culpado, existem culturas. Tive um aluno do curso de Português para Estrangeiros que era japonês. Quando entrei na sala pra dar aula, todos olharam pra mim espantados, segundo uma amiga que me acompanhava. O único que não me olhou torto foi o japonês. Ele foi lá, se apresentou, pegou na minha mão. No fim da aula perguntei: “Por que você foi o único que não olhou estranho pra mim?”. E ele: “Porque no meu país isso é normal”. Então é cultura, né?



A cegueira da estudante Lara Andrade não impediu de praticar esportes e trabalhar



Estudante de Química, Pablo Busatto fotografou obstáculos a cadeirantes na UFC



Kátia Lucy (à esq.), primeira estudante surda da pós-graduação da UFC: Português é segunda língua

Pablo Busatto Figueiredo

A timidez de Pablo Busatto não esconde a garra do militante que, há três anos, batalha por melhorias em acessibilidade na UFC. Cadeirante, Pablo é aluno no curso de Química. Ele já chegou a fotografar os vários obstáculos espalhados pelo Campus do Pici, anexando as imagens a uma carta reivindicatória, enviada a autoridades. Resultados vieram, mas não com a qualidade desejada. Com isso, pensou em abandonar a faculdade, mas insistiu.

UP – Você trabalha em um laboratório com objetos pequenos e frágeis. Como lida com isso tendo limitações nos movimentos?

Pablo Figueiredo – O mais complicado é a altura das bancadas e dos bancos, muito altos para quem anda de cadeira de rodas. O banco prende minha perna e acho cansativo ficar descendo pra pegar um material e outro. Quando preciso usar as duas mãos, faço uma parte e deixo o resto pra minha dupla. Dá pra fazer quase

tudo, embora seja sempre o último a sair. Esse é outro problema: ninguém quer sair por último. Geralmente fico com aqueles sem equipe.

UP – Como é se locomover em uma cadeira de rodas pela UFC?

PBF – As pessoas não respeitam vaga pra deficiente e tenho de estacionar longe, ficar esperando alguém passar para tirar a cadeira do portamalas. Só que, às vezes, não passa ninguém. Então, tenho de pegar a muleta e ir caminhando até a sala, o que é muito cansativo. Ainda mais preciso carregar também bolsa, livro...

UP – É verdade que você nunca foi à sala dos professores e à coordenação?

PBF – Sim, porque todas são no segundo andar. Quando preciso, eles têm de descer. Meu atendimento é sempre assim: no corredor, sem cadeira, sem mesa. Se o professor quiser pegar um livro pra me mostrar algo, tem de subir e descer de novo.

UP – Há alguns anos, a UFC tem realizado reformas para melhorar a aces-

sibilidade. Elas têm surtido efeito?

PBF – Algumas, sim. Mas tem coisa que parece que fizeram de qualquer jeito. Por exemplo: construíram uma rampa pra ter acesso a um dos blocos, mas, pra chegar, tenho de passar por baixo de três ar condicionado, ou seja, fico todo molhado. Os auditórios do Centro de Ciências têm escadas logo na entrada. Então, como vou circular com a cadeira de rodas?

Kátia Lucy Pinheiro

Chovia e trovejava forte quando os pais da pequena Kátia Lucy suspeitaram que a menina tivesse problemas na audição. Enquanto uma amiguinha de Kátia chorava por causa do barulho da tempestade, a filha do casal dormia tranquilamente. No médico, veio a certeza de que a menina nascera surda. Tristeza no início, orgulho anos depois: Kátia tornou-se a primeira estudante surda da pós-graduação da UFC, no curso de Mestrado em Educação Brasileira.

UP – Muita gente não entende por que alguns surdos não conseguem ler ou entender o português. Como funciona isso?

Kátia Pinheiro – Nós temos o português como segunda língua. Nossa linguagem é diferente, nós falamos por sinais. É como se falasse: “Eu você adoro”, ou “Eu ir água”. Para nós, isso é o suficiente, embora quem fale português, às vezes, não entenda. É por isso que batalhamos por acessibilidade em sites da Internet, com tradução das páginas em Libras.

UP – Como as pessoas se comportam perante a comunicação por gestos?

KP – Há quem não tenha paciência. Uma vez senti um preconceito forte numa praça de alimentação de um shopping. Fui ao caixa, fiz o pedido pelo número do lanche, mas a atendente, com cara feia, dizia que não entendia. Gesticulei, ela continuou reclamando, dizendo não entender. Peguei papel e caneta, escrevi o que queria e, ainda assim, ela resistiu. Foi revoltante, mas não desisti. Na mesma hora chamei o

gerente, reclamei e finalmente consegui ser atendida.

UP – Sua aprovação no mestrado demonstra que é possível ascender na carreira acadêmica, mesmo sem ouvir. Qual o desafio, agora?

KP – Faltam concursos públicos com oportunidades para surdos. Sabemos que os editais tratam do percentual de vagas para pessoas com deficiência, mas esses concursos não estão preparados ou adaptados. Por que não realizar provas em libras? A abertura às pessoas com deficiência é apenas parcial. Ninguém quer que diminua o nível de exigência, queremos apenas a oportunidade de mostrar que somos capazes dentro das nossas particularidades. 

FIQUE ATENTO!

Na próxima edição, UP continua tratando sobre o tema da inclusão. Serão abordadas as leis federais que deveriam garantir a acessibilidade no Brasil, bem como as iniciativas que a UFC já implementa para melhorar a mobilidade de pessoas com deficiência.

Florescendo oportunidades

Departamento de Fitotecnia da UFC passa a ofertar a disciplina de Floricultura. A expectativa é contribuir para um setor que movimentou mais de US\$ 4 milhões no Ceará em 2009

por Gustavo Colares

Clima seco, êxodo rural e atraso econômico. Em quase toda a sua história, assim o interior do Ceará foi divulgado para o resto do Brasil. Pois hoje, é desta região, mais precisamente da Serra da Ibiapaba e do Maciço de Baturité, que vêm os resultados que lançam o Ceará como segundo maior exportador de flores e plantas do Brasil, atrás apenas de São Paulo.

Os números surpreendem. Em 2009, o Ceará exportou US\$ 4.029.271,00 em produtos de floricultura, segundo o Instituto Agropolos. O resultado equivale a 62 vezes o exportado pelo Estado em 1999 (US\$ 64 mil). E a expectativa é que o setor cresça até 20% ao ano no Ceará, dobrando as exportações até 2015. Este ano, a Universidade Federal do Ceará passa a contribuir, em definitivo, para a consolidação desse mercado, ao ofertar, através do Departamento de Fitotecnia, a disciplina de Floricultura.

A disciplina de Floricultura será ministrada pelo professor Roberto Takane. Autor de livros renomados na área, como "Cultivo técnico de cactos e suculentas ornamentais", ele explica que, entre os temas abordados na disciplina estarão

técnicas básicas de substratos para cultivo de flores e plantas ornamentais; sistema de propagação; cultivo protegido; pós-colheita de flores e folhagens; cultura de rosa, crisântemo e gypsophila como plantas temperadas; cultura de antúrio, orquídea e helicônia como plantas tropicais; e cultura de cactos e suculentas ornamentais como plantas de clima árido.

No Campus do Pici, a Horta Didática está recebendo, segundo Takane, um banco de germoplasma, composto de coleções de plantas que o Departamento de Fitotecnia recebe de todo o Brasil através de trocas de plantas e sementes. "Já temos uma coleção de cactáceas e plantas suculentas, orquídeas, bromélias, antúrios e palmeiras", afirma. Outro projeto conduzido por Takane é o "Orquidário UFC", em fase de instalação. Esses projetos serão coordenados pelo Centro de Estudos em Floricultura (Ceflor), já aprovado como projeto de extensão pelo Departamento de Fitotecnia e do Centro de Ciências Agrárias.

O professor Renato Innecco, pioneiro em pesquisas com flores na UFC, esclarece que a Universidade já

possui experiências com o setor. No Laboratório de Cultura de Tecidos Vegetais, criado em 1999, é realizada a propagação de algumas plantas. "Também já participamos do Projeto Flora Brasilis, da Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Estado, onde desenvolvemos pesquisas alternativas para a floricultura do Ceará, na unidade chamada TecFlores, no município de São Benedito, e trabalhamos com flores tropicais e outras flores de corte, como gypsophila, aster, solidago, abacaxi ornamental e statice, no município do Trairi", enumera. Pelo segundo ano consecutivo, coleção e produção de plantas suculentas estão sendo produzidas na Fazenda Experimental do Vale do Curu, da UFC, em Pentecoste, através de parceria com o Banco do Nordeste.

Entre os fatores que fizeram do Ceará vice-líder desse mercado estão o seu clima favorável, a incidência de luz o ano inteiro e a proximidade geográfica de mercados internacionais, Estados Unidos e Europa, em especial. "Temos muita luminosidade, não temos frio. As plantas não paralisam o crescimento por causa de baixas temperaturas, por isso encurtam o ciclo, o que diminui o custo



de produção”, explica Innecco.

Segundo o Instituto Agropolos, organização social especialista na área em que presta serviços ao Governo do Estado, as espécies mais cultivadas no Ceará são as flores tropicais e as rosas. Já as de maior volume de exportação são os bulbos, tubérculos e rizomas, com 1.786.044 kg. Em segundo lugar, as rosas e seus botões, que alcançam 242.940 kg exportados.

De caráter científico e cultural, a Associação Cearense de Orquidófilos (ACEO) tem contribuído para a difusão da floricultura, especialmente no cultivo de orquídeas, promovendo palestras técnicas, excursões, visitas a orquidários de associados, além de uma grande exposição anual no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, que atrai mais de dez mil visitantes. “Nessas ocasiões, o orquidário convidado costuma comercializar um caminhão baú carregado de orquídeas. São milhares de novas plantas que passam a ser cultivadas, todos os anos, pelos cearenses, incentivando o mercado de consumidores de flores no Estado”, comemora Ítalo Gurgel, presidente da entidade.

Para Gurgel, a criação da disciplina de Floricultura na UFC veio em boa hora. “A área é competitiva e, para garantir sucesso – em especial no mercado externo – é necessário investir em tecnologia, em pesquisa, ou seja, em conhecimento”, avalia. “A floricultura é uma atividade que demanda muita mão de obra. Há mercado e oferece bom retorno financeiro.”

Fórum representativo da atividade de floricultura e de plantas ornamentais no estado, a Câmara Setorial de Flores e Plantas Ornamentais do Ceará (CSFlores) é presidida por Gilson Gondim, que classificou como “excelente” a criação da disciplina de Floricultura da UFC. Ele acredita que será uma colaboração decisiva para consolidar o pólo de floricultura no Ceará. “As universidades têm como objetivo formar pessoas voltadas para a realidade do mercado de trabalho. Temos que levar as pesquisas da UFC para dentro das propriedades junto aos produtores”, sugere. O pro-



Prof. Roberto Takane, na Horta Didática do Campus do Pici, ministrará disciplina de Floricultura

fessor Renato Innecco concorda. “O mercado exigia da UFC uma atitude desta, pois com a expansão do setor no Ceará os profissionais requeridos têm de sair da Universidade com a mínima formação.”

Apesar da expansão do setor, o Ceará ainda apresenta baixo consumo per capita de produtos da floricultura. Por isso, a CSFlores, em parceria com o Sebrae, lançou, no final de 2009, o projeto “Natureza do Trabalho” para estimular o crescimento do mercado interno, entre outras ações. Vinculada à Agência de Desenvolvimento do Ceará (Adece), a CSFlores também assinou convênio com o Ministério da Agricultura. “Terá como foco a compra de insumos e a exportação de produtos de floricultura em bloco, diminuindo os custos e viabilizando a exportação de pequenos produtores, pois dos cerca de 200 existentes no Ceará, menos de dez são exportadores”, afirma Gondim.

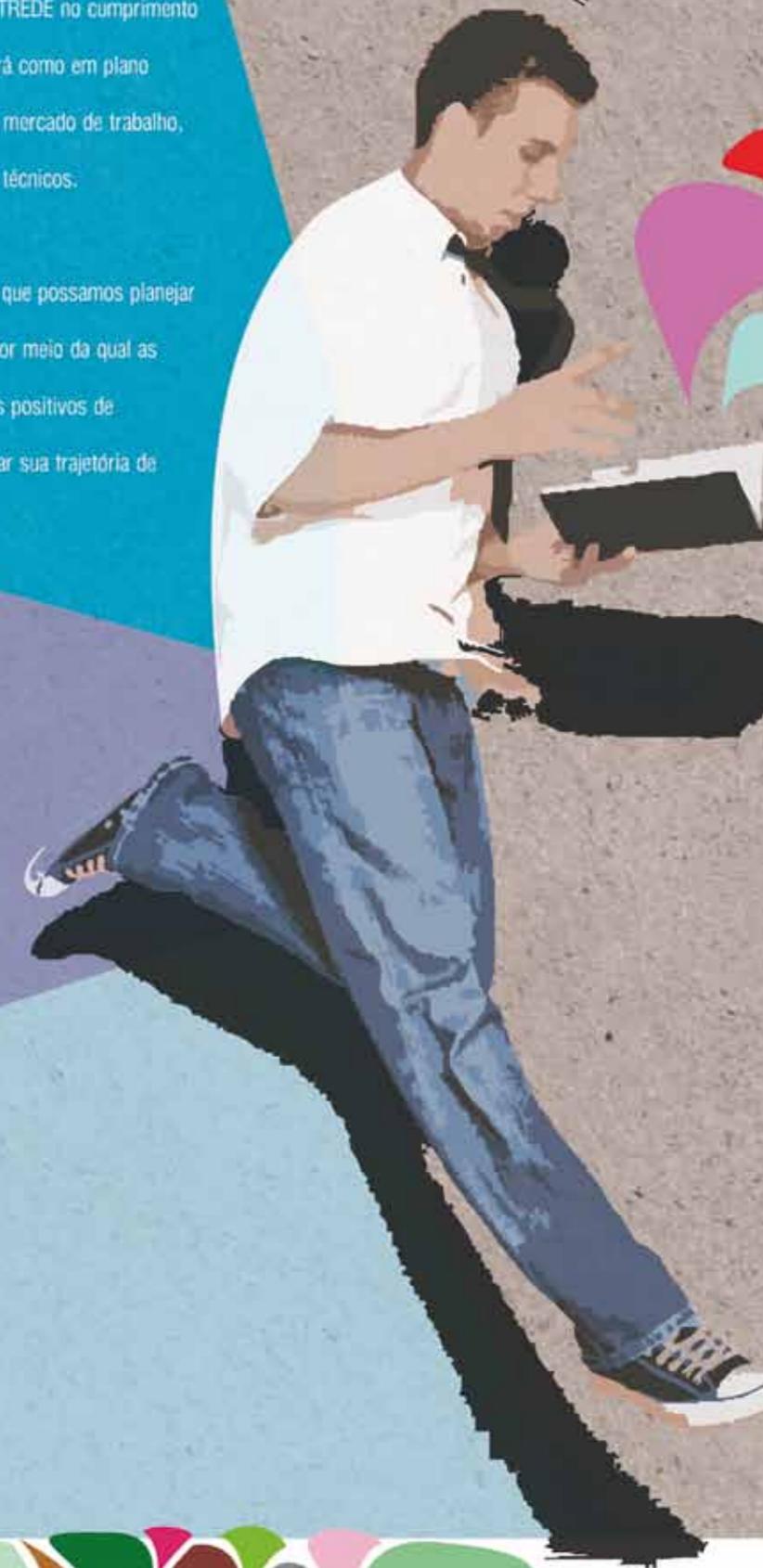
A UFC, segundo o presidente da CSFlores, também ajudará a sanar outro problema do setor de floricultura

cearense. “A principal dificuldade é a organização setorial. As empresas exportadoras trabalham de forma individual. Os players do setor também trabalhavam sem se comunicar. É fundamental para o crescimento do setor que as entidades troquem informação e que as pesquisas sejam feitas com foco na produção, que os trabalhos sejam feitos nas áreas dos produtores para gerarem renda e negócio com objetividade. Toda pesquisa tem que ter foco na produção, pois ela tem um fator multiplicador, gera riqueza, emprego e mais pesquisa”, sustenta.

De acordo com o presidente do Instituto Agropolos, Marcelo Pinheiro, estima-se que uma empresa produtora de crisântemos emprega, em média, oito pessoas por hectare. Já produtoras de rosas chegam a empregar 12 pessoas a cada hectare. O principal destino das flores cearenses é a Holanda, que representa 70% das exportações, seguido de Estados Unidos, Canadá, Portugal, Alemanha e Cabo Verde. ☎

O ano de 2010 encerra uma década de realizações do CETREDE no cumprimento de sua missão junto à sociedade, tanto no Estado do Ceará como em plano nacional. Milhares de profissionais se qualificaram para o mercado de trabalho, adquirindo sólida formação e conhecimentos científicos e técnicos.

Neste ano, uma reflexão criteriosa se faz necessária para que possamos planejar o futuro, o novo decênio. Nosso caminho é a educação, por meio da qual as mudanças de comportamento e atitudes se tornam fatores positivos de crescimento social. E assim o CETREDE pretende continuar sua trajetória de promoção da cidadania pela difusão do conhecimento.

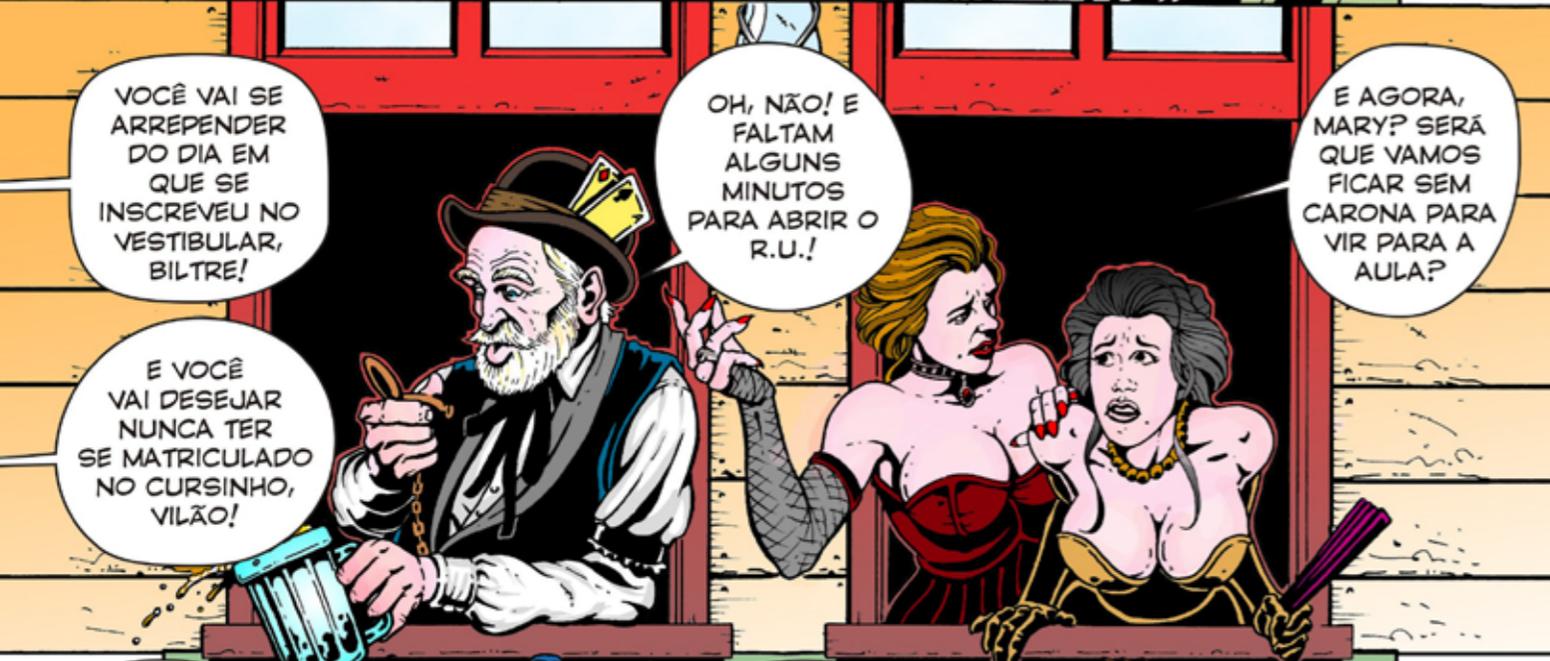


EUREKA!

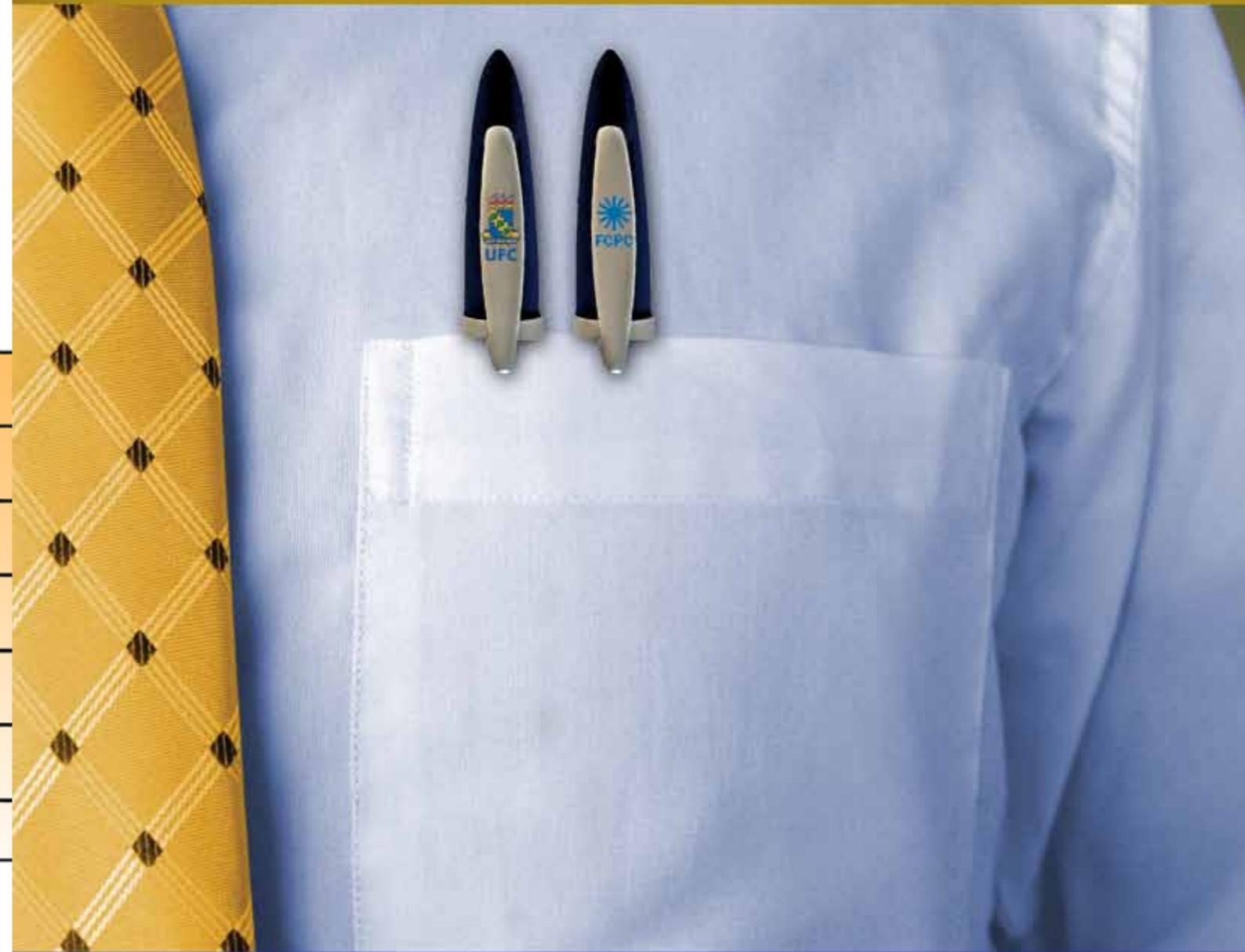
O CAMPUS EM QUADRINHOS

ROTEIRO
FELIPE LIMA
DESENHO
FRED MACEDO

oficina.quadrinhos.ufc@gmail.com



FCPC e UFC: Rumo a excelência no desenvolvimento científico do Ceará



Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura

Av. da Universidade, 2995 - Benfica - CEP: 60.020-181
Fortaleza/CE. Fones: (85) 3243. 1620; 3281. 3444 - Fax: 3243. 5381
www.fcpc.ufc.br





CCBNB. 10 ANOS INTEGRANDO TODAS
AS FORMAS DE ARTE COM VOCÊ.

A arte e a cultura sempre fizeram parte da vida do nordestino, um povo que dança, canta e cria como poucos no mundo. Por isso, há 10 anos, o Banco do Nordeste criou o Centro Cultural Banco do Nordeste - CCBNB. Um espaço onde a arte e a cultura da nossa Região convivem com obras de todas as partes do mundo. O resultado é um lugar onde diversas culturas se encontram e os nordestinos encontram a sua essência multicultural. CCBNB 10 anos. Você vivenciando tudo que a arte tem para oferecer. cultura@bnb.gov.br | www.bnb.gov.br/cultura

| Fortaleza-CE | Cariri-CE | Sousa-PB |



**Banco do
Nordeste**

